



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**LEVY SILVA SANTOS**

**FAMÍLIA, ENSINO E APRENDIZAGENS DE HISTÓRIA: REFLEXÕES SOBRE  
ASPECTOS DO COTIDIANO ESCOLAR E OS DESAFIOS DOCENTE**

**São Cristóvão  
2026**

LEVY SILVA SANTOS

**FAMÍLIA, ENSINO E APRENDIZAGENS DE HISTÓRIA: REFLEXÕES SOBRE  
ASPECTOS DO COTIDIANO ESCOLAR E OS DESAFIOS DOCENTE**

Trabalho apresentado como requisito de avaliação de Prática de pesquisa, componente curricular do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Sergipe.

Orientador: Dr. Jorge Luiz Zaluski

**São Cristóvão  
2026**

## AGRADECIMENTOS

Meu sentimento é de dever cumprido e, a partir desse sentimento, agradeço primeiramente a Deus, por me sustentar e me conceder graça e força para caminhar ao longo dessa jornada árdua que foi a graduação. Em momentos em que pensei em desistir, em dias em que chegava esgotado do trabalho, muitas vezes sem sequer jantar, foi o Senhor quem me sustentou até aqui. Toda honra e toda glória sejam dadas a Ele.

Sou profundamente grato aos meus pais, à senhora Ivanilde e ao senhor Manoel, que sempre me incentivaram nos estudos, aconselharam-me e cuidaram de mim quando precisei. Cobraram quando foi necessário, ensinando-me a ser um homem de caráter e responsabilidade, sempre prezando por fazer o que é correto, independentemente das circunstâncias. Eles serviram, inclusive, como inspiração para esta pesquisa, pois sempre me ensinaram a honrar e respeitar a família, entendida como a base da sociedade — base essa que me acompanhou ao longo da vida e contribuiu diretamente para a formação de quem sou hoje.

Agradeço também a todo o corpo docente do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Com eles, aprendi a ter comprometimento com a profissão que escolhi e a buscar, continuamente, o aperfeiçoamento, compreendendo o ensino como um processo de aprendizado constante. Em especial, agradeço ao meu orientador, Dr. Jorge Zaluski, que aguçou meu interesse pelo ensino de História e me incentivou a olhar com mais atenção para essa área, ensinando-me a ir além da abordagem tradicional centrada em “datas, nomes e fatos”, tão criticada e debatida em suas reflexões.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos que estiveram presentes ao longo dessa caminhada, oferecendo apoio, incentivo e companheirismo, tornando o percurso até aqui mais leve. Sem vocês, essa conquista não seria possível. Espero, um dia, poder retribuir todo o apoio recebido. Desde já, o meu muito obrigado.

## **RESUMO**

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a percepção dos estudantes do Colégio estadual Mondial sobre a participação da família no processo de ensino e aprendizagem da disciplina de História. Parte-se do entendimento de que a formação escolar e a construção da consciência histórica dos estudantes são influenciadas por fatores socioculturais que extrapolam o espaço escolar, especialmente o acompanhamento familiar e as experiências culturais vivenciadas no cotidiano. O estudo fundamenta-se nos aportes teóricos de Pierre Bourdieu, com destaque para o conceito de capital cultural, e nas contribuições de Circe Bittencourt sobre o ensino de História. Metodologicamente, adotou-se uma abordagem qualitativa e quantitativa, por meio do desenvolvimento de questionários estruturados aos estudantes do 1º ano do ensino médio e à professora da disciplina. A pesquisa busca contribuir para reflexões acerca da relação entre família, escola e ensino de História em contextos marcados por desigualdades sociais.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Família e escola. Capital cultural. Aprendizagem histórica.

## **ABSTRACT**

This study aims to analyze students' perceptions of family participation in the teaching and learning process of History at Colégio Estadual Mondial. It is based on the understanding that students' educational development and historical awareness are influenced by sociocultural factors beyond the school environment, particularly family support and everyday cultural experiences. The research is grounded in Pierre Bourdieu's concept of cultural capital and Circe Bittencourt's contributions to History teaching. A qualitative and quantitative approach is adopted through structured questionnaires applied to first-year high school students and the History teacher. The study seeks to contribute to reflections on the relationship between family, school, and History teaching in socially vulnerable contexts.

**Keywords:** History teaching. Family and school. Cultural capital. Historical learning.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>14</b>
<b>4 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>16</b>
4.1 Família, capital cultural e reprodução das desigualdades.....	16
4.2 Fundamentos e métodos para um ensino de história com a participação familiar.....	19
<b>5 A PERCEPÇÃO DOCENTE.....</b>	<b>23</b>
5.1 Questões objetivas de 1 a 5.....	24
5.2 Questões 6 a 10.....	25
5.2.1 Questão 6: Dificuldade de engajar os alunos - história como algo distante.....	25
5.2.2 Questão 7: Participação da família e construção de significado.....	26
5.2.3 Questão 9: Livros didáticos e lacunas no conteúdo.....	27
5.2.4 Questão 10: Estratégias pedagógicas e saídas de campo.....	28
<b>6 A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES.....</b>	<b>30</b>
6.1 Caracterização dos estudantes.....	33
6.2 Análise direta das respostas dos estudantes.....	34
6.2.1 Questão 1: Composição do núcleo familiar - com quem você mora?.....	34
6.2.2 Questão 2 – Acompanhamento da vida escolar pelos familiares.....	35
6.2.3 Questão 3 – Interesse e acompanhamento familiar nos estudos de história.....	35
6.2.4 Questão 4 – Memórias familiares e compreensão dos conteúdos de história.....	37
6.2.5 Questão 5 – Histórias familiares que auxiliam na compreensão da história.....	38
6.2.6 Questão 6 - Participação familiar no aprendizado de história.....	39
6.2.7 Questão 7 – Orientações familiares sobre fontes históricas e acesso à cultura... 40	
6.2.8 Questão 8 – Formas pelas quais a família pode contribuir mais para o aprendizado em história.....	41
6.2.9 Questão 9 – A importância de aprender História na percepção dos estudantes.. 42	
6.2.10 Questão 10 – Estratégias que tornam as aulas de História mais interessantes para os estudantes.....	43
<b>7 CONCLUSÃO.....</b>	<b>45</b>
<b>8 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>48</b>
<b>APÊNDICE A – Questionário aplicado em sala de aula.....</b>	<b>50</b>
<b>APÊNDICE B – Questionário para a professora.....</b>	<b>52</b>
<b>APÊNDICE C - Resultados do Questionário aplicado aos Estudantes.....</b>	<b>54</b>
<b>ANEXO A - Termo de consentimento livre e esclarecido - TCLE.....</b>	<b>56</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre a importância da família no processo educativo tem ocupado um espaço significativo nas pesquisas educacionais, sobretudo quando se considera que o desenvolvimento escolar não ocorre isoladamente dentro da instituição. A formação intelectual, emocional e social dos estudantes é influenciada por diversos fatores externos à escola, entre eles o acompanhamento familiar, o incentivo aos estudos e o acesso a experiências culturais que ampliam a compreensão do mundo.

No caso do ensino de História, essa presença torna-se ainda mais relevante, pois a disciplina envolve a construção da consciência histórica, da identidade e do senso crítico, elementos que dialogam diretamente com as vivências e referências transmitidas no ambiente familiar. Assim, investigar como os estudantes percebem o papel da família em sua aprendizagem histórica contribui para compreender de que maneira esse vínculo pode favorecer ou dificultar sua relação com o conhecimento.

Assim, esta pesquisa busca analisar a percepção dos estudantes do Colégio Estadual Mondial<sup>1</sup>, sobre o papel da família em seu processo educativo, levantando reflexões que possam contribuir para fortalecer o vínculo entre família e escola e promover melhores condições de aprendizagem. A escolha pelo Colégio Estadual Mondial como campo desta pesquisa não se deu ao acaso. Por ser uma escola de bairro que atende majoritariamente estudantes de baixa renda, muitos deles inseridos em contextos familiares marcados por dificuldades econômicas, longas jornadas de trabalho dos responsáveis, ausência de supervisão escolar e, por vezes, limitações no acompanhamento da vida estudantil, ela se mostra ideal para a estabelecer as reflexões, assim como, por ser esse o espaço onde pode ser desenvolvido parte de minha formação enquanto ex-aluno e como docente, por meio do estágio supervisionado.

A instituição possui 971 matrículas em 2025, atendendo estudantes desde o 7º do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio. Segundo os dados da Secretaria de Estado da Educação (SEDUC), a instituição apresenta nota 4,4 no IDEB<sup>2</sup>, o que evidencia um desempenho escolar ainda abaixo do esperado. Mesmo diante desses problemas, a escola tem

---

<sup>1</sup> Nome fictício dado a escola escolhida para esta pesquisa. A escola em questão autorizou a realização da pesquisa e publicação da mesma, mas devido a questões de ética seu nome oficial foi preservado

<sup>2</sup> IDEB é um indicador criado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 2007, com o objetivo de mensurar a qualidade da educação básica no Brasil. Ele combina dois fatores fundamentais para o processo educativo: o desempenho dos estudantes em avaliações padronizadas nacionais (SAEB/Prova Brasil) e o fluxo escolar, representado pelas taxas de aprovação, reprovação e abandono. Assim, o IDEB não avalia apenas o aprendizado em termos de proficiência, mas também a capacidade das escolas de garantir que os alunos progridam adequadamente nas etapas de ensino.

passado por um processo gradual de reestruturação<sup>3</sup> e melhoria de suas condições físicas: quadra esportiva, laboratório de informática com acesso à internet, sala de vídeo e ambientes climatizados são alguns dos avanços visíveis que tornam a instituição um espaço significativo e promissor para a realização desta pesquisa.

Essas características fazem do ambiente escolar um contexto privilegiado para investigar de que forma a família influencia o processo de ensino e aprendizagem, principalmente em História, objeto de atenção nesta análise. Em um cenário no qual muitos estudantes enfrentam obstáculos estruturais, compreender o papel da família torna-se fundamental para analisar a motivação, o engajamento e a construção da consciência histórica dos jovens. Nesse sentido, Pierre Bourdieu (1998) afirma que “a família é responsável pela transmissão do capital cultural que condiciona o êxito escolar”, o que reforça a importância de considerar as condições socioculturais desses estudantes ao investigar seu processo de aprendizagem. Por conseguinte os resultados da pesquisa podem auxiliar a escola a refletir sobre práticas pedagógicas e estratégias de aproximação com as famílias, contribuindo com a permanência dos alunos e para a melhoria de seu desempenho geral.

Aliado a isso, está pesquisa busca formas metodológicas que ajudem diretamente na interação família, escola e estudantes, buscando formas de trabalhar o capital cultural herdado por esses jovens com os conteúdos didáticos de História, unindo teoria e prática, dentro de uma diversidade de realidades familiares. Essa diversidade de realidades afeta diretamente a percepção, o interesse e o desempenho na disciplina de História, área que exige leitura crítica, reflexão e interpretação. Como afirma Circe Bittencourt (2008), “o ensino de História deve possibilitar ao aluno compreender a realidade em que vive, reconhecendo-se como sujeito histórico”, algo que se torna mais difícil quando o estudante não encontra no ambiente familiar e escolar apoio, motivação ou estímulo para o desenvolvimento de sua consciência histórica.

Realizar a pesquisa no Colégio Mondial, portanto, possui não apenas relevância acadêmica, mas também social e humanizadora. Ao investigar como esses estudantes compreendem a participação da família em sua formação escolar, busca-se dar visibilidade às suas experiências, reconhecer seus contextos de vida e compreender os fatores que favorecem ou dificultam o aprendizado histórico em um ambiente marcado por vulnerabilidades sociais. Essa escolha reforça, ainda, a importância de produzir conhecimento científico que dialogue

---

<sup>3</sup> A reestruturação do Colégio Mondial é muito evidente, tanto fisicamente, em estrutura com um ambiente mais moderno e organizado, como também na gestão da escola. Ela passou a ser mais rígida e atenciosa com o ensino, com mais segurança e conforto para os alunos. Assim, retirando um estigma de escola periférica de estudantes marginalizados onde não existiam regras e o nível de ensino era baixíssimo.

com a realidade concreta da escola pública. Pesquisar um ambiente que conheço de perto como ex-aluno, estagiário e agora pesquisador, permite um olhar mais atento, sensível e comprometido, capaz de identificar questões que muitas vezes passam despercebidas em análises distantes. Além disso, contribui para trazer ao debate acadêmico a realidade do cotidiano escolar, especialmente no que diz respeito ao ensino de História, área fundamental para a formação crítica e social dos estudantes.

Assim, esta investigação se justifica pela necessidade de compreender como a participação familiar interfere no processo de ensino e aprendizagem da disciplina de História. Tendo como objetivo compreender **como os estudantes do Colégio Estadual Mondial percebem a participação da família em seu processo de ensino e aprendizagem em História**. Busca-se analisar em que medida o apoio familiar, mesmo em contextos de vulnerabilidade social, influencia a motivação, o engajamento escolar e a construção da consciência histórica dos jovens. Para isso, serão examinadas as respostas obtidas por meio de um questionário (Apêndice A) respondido pelos alunos do 1º ano do Ensino Médio, cujos dados permitem identificar padrões, percepções e experiências relacionadas ao acompanhamento familiar.

A análise fundamenta-se nos aportes teóricos de Pierre Bourdieu (1998), especialmente no conceito de capital cultural e em suas contribuições para a compreensão das desigualdades educacionais e da reprodução social no contexto escolar. Dialoga também com as reflexões de Circe Bittencourt (2008), que destaca a importância de considerar as experiências, memórias e repertórios culturais dos estudantes no ensino de História, favorecendo uma aprendizagem crítica e significativa. Ao articular essas perspectivas, o estudo busca compreender como a relação entre família, escola e contexto sociocultural influencia a formação histórica dos alunos e como a escola pode atuar na redução das desigualdades e no fortalecimento das mediações culturais.

Desse modo, em um primeiro momento, o trabalho analisa como a participação da família na vida escolar das crianças se constituiu historicamente, com base nas contribuições de Ariès (1981). Em seguida, problematiza as exigências estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que atribui ao Estado e à família a responsabilidade compartilhada pela garantia do direito à educação. Essa abordagem permite compreender as transformações na relação entre família e escola ao longo do tempo e os impactos dessas mudanças no cenário educacional contemporâneo.

Em seguida, para alcançar o objetivo central desta pesquisa, optou-se pela aplicação de dois questionários estruturados: um direcionado aos estudantes do 1º ano do ensino médio

(Apêndice A) e outro à professora de História do Colégio Estadual Mondial (Apêndice B). O questionário destinado aos alunos buscou identificar suas percepções acerca da participação familiar em sua trajetória escolar e, de modo mais específico, em sua aprendizagem na disciplina de História. As questões abordaram aspectos como incentivo aos estudos, diálogo sobre o passado, experiências culturais, práticas cotidianas e estratégias que os próprios estudantes consideraram significativas para tornar o ensino de História mais interessante e próximo de sua realidade. Já o questionário aplicado à professora teve como finalidade compreender sua visão sobre a relação entre família e escola, bem como suas práticas pedagógicas, estratégias didáticas e percepções acerca do envolvimento familiar no processo de aprendizagem histórica. A análise conjunta das respostas possibilita compreender padrões, limites e potencialidades da relação entre família, escola e ensino de História, contribuindo para reflexões sobre práticas pedagógicas mais contextualizadas e sensíveis às condições sociais dos estudantes.

Por fim, para debater e interpretar as respostas dos estudantes, a análise dos dados será orientada pelos aportes teóricos já comentados de Pierre Bourdieu (1998) e Circe Bittencourt (2008). As contribuições deles permitem problematizar as desigualdades socioculturais e o papel do capital cultural na relação entre família, escola e êxito escolar, além de oferecer um conteúdo fundamental para compreender o ensino de História a partir das experiências, memórias e conhecimentos prévios dos estudantes. A articulação desses referenciais possibilita não apenas a interpretação crítica das respostas obtidas, mas também a reflexão sobre ideias e propostas pedagógicas que favoreçam o fortalecimento da participação familiar e a construção de práticas de ensino de História mais contextualizadas, significativas e próximas da realidade dos discentes.

## **2 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO**

Para pensarmos o papel da família na vida escolar de jovens e crianças, é conveniente traçar um panorama que mostre como se deu esse processo em que os pais, ou o núcleo familiar, confiaram boa parte da educação de seus filhos a outras pessoas ou instituições. De antemão, pode-se afirmar que, atualmente, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), é dever da família e do Estado assegurar à educação e o pleno desenvolvimento do educando, preparando-o para o exercício da cidadania e para a qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996, art. 2º).

Mas nem sempre foi assim. A sociedade mudou constantemente o entendimento sobre quem deveria educar as crianças e de que forma isso deveria ocorrer. A escola, por sua vez, é

uma instituição relativamente recente nessa missão de desenvolvimento das crianças e dos jovens. Segundo Ariès (1981), a origem da escola em um modelo semelhante ao contemporâneo remonta ao século XV, quando surgiram as primeiras divisões por classes, com alunos agrupados em salas sob a direção de um mesmo mestre. No entanto, ainda não havia uma organização pedagógica consolidada ou uma metodologia adaptada às necessidades de cada aluno. Na maioria dos casos, a estrutura escolar tinha a intenção de selecionar “pequenos adultos”, como as crianças eram vistas na época, que seriam preparados para determinado mestre.

Por conseguinte, a intenção da família na educação de seus filhos era prepará-los para a vida em sociedade com aquilo que consideravam ser o melhor. Quase sempre, esses ensinamentos envolviam aspectos culturais, além de conteúdos relacionados à educação física e à filosofia. Outrora, como destaca Ariès (1981), essa formação ocorria por meio de contratos de aprendizagem, nos quais as crianças eram entregues para morar com outra família ou com determinado mestre que as instruída nos ofícios comuns de sua vida, ou para que passassem a servi-lo em tarefas domésticas e profissionais. Nesse contexto,

“o serviço doméstico se confundia com a aprendizagem, como uma forma muito comum de educação. A criança aprendia pela prática, e essa prática não parava nos limites de uma profissão, ainda mais porque na época não havia (e por muito tempo ainda não haveria) limites entre a profissão e a vida particular; a participação na vida profissional[...] Era através do serviço doméstico que o mestre transmitia a uma criança, não ao seu filho, mas ao filho de outro homem, a bagagem de conhecimentos, a experiência prática e o valor humano que pudesse possuir.” (Ariès, 1981, p. 228).

Desse modo, percebemos como a educação das crianças era compreendida pelos pais e a importância que ela assumia na formação desses “pequenos adultos”. A aprendizagem, que tinha como finalidade preparar os filhos para o convívio em uma sociedade voltada ao trabalho, não se desenvolvia no âmbito familiar; pelo contrário, muitas vezes as crianças encontravam seus pais apenas na vida adulta. Apesar desse distanciamento, a família ainda prezava pela moral e pela transmissão da cultura, buscando no tutor ou no mestre a garantia desses ensinamentos. Mesmo com contextos espaciais e temporais bem distintos da análise empregada por Áries, observa-se, assim, uma semelhança com os princípios estabelecidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), anteriormente citada, que também tem como objetivo o desenvolvimento integral do educando, preparando-o para o exercício da cidadania e para o trabalho (Brasil, 1996, art. 2º).

O envio dos filhos para o treinamento por meio dos contratos de aprendizagem, com o tempo, deixou de existir, e a escola propriamente dita passou a predominar na educação. Com ela, surgiram novas exigências sociais, como o prolongamento da infância e a compreensão

da juventude como uma fase de transição para a vida adulta (Zaluski, 2021). Essas mudanças refletiram novos pensamentos dos pais sobre o ensino, que passou a ser dividido entre a escola e a própria família, ambos responsáveis pela educação e pela aprendizagem das crianças e dos jovens. Essa transformação, segundo Ariès (1981, p. 231), ocorreu juntamente com o fortalecimento do rigor moral, que buscava manter a juventude isolada do mundo dos adultos.

Sendo assim, observa-se que, ao longo dos processos históricos do surgimento do ensino escolar, originou-se uma relação de cooperação entre a escola e a família. Ainda que em sociedades distantes da nossa, essa interação nos permite refletir sobre as influências que cada uma exerce na vida dos educandos, abrindo caminhos de estudo sobre essa dinâmica e conduzindo ao ponto central desta pesquisa, que busca compreender como a relação entre família e escola interfere nos processos de ensino e aprendizagem de História.

O modelo de ensino abordado anteriormente, cuja principal característica é o rigor e a perpetuação de aspectos sociais e culturais voltados ao trabalho, não se relaciona diretamente ao ensino de História, mas fornece indícios sobre a interferência familiar nos processos de ensino e aprendizagem dos alunos, o que também influencia os conteúdos da disciplina. Ao retomarmos o que foi exposto por Ariès (1981), percebemos que a aprendizagem das crianças, muitas vezes, estava vinculada ao ensino de áreas como Física e Filosofia. Podemos supor que essa prática remete ao que ainda observamos nas salas de aula contemporâneas, nas quais muitos pais e alunos tendem a valorizar mais as disciplinas de Português e Matemática.

Ao considerarmos o que orienta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu artigo 3º, inciso XI, percebe-se a obrigatoriedade de vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais. Essas diretrizes abrem espaço para a discussão acerca da efetividade dessa metodologia de ensino na contemporaneidade. No entanto, observa-se que, atualmente, o ensino muitas vezes se distancia dos princípios sociais e culturais, adotando práticas mecanizadas e pouco intuitivas, o que, por sua vez, dificulta o desenvolvimento do sentimento de pertencimento dos/as estudantes em relação aos conteúdos e contribui para o desinteresse pelo ambiente escolar (BRASIL, 1996, art. 3º, XI). Essa falta de motivação pode estar associada à ausência de atenção às necessidades e particularidades dos processos de formação do caráter, herdados do convívio familiar e diretamente ligados à escola, espaço em que o jovem aluno passa boa parte do seu dia.

Assim, os aspectos sociais e culturais dos alunos, adquiridos pelo convívio familiar e escolar, contribuem para a construção do sentimento de pertencimento desses discentes. Segundo Bourdieu (1998), esse conjunto de características constitui o caráter social da

educação, uma vez que é formado não apenas pela influência dos pais, mas também pelo meio e pelo grupo social em que as crianças vivem, cooperando para a formação do *capital cultural*. Desse modo, tais fatores moldam os interesses, compreensões e convicções do discente sobre o mundo. Portanto, é fundamental atentar-se às metodologias utilizadas em sala de aula para a formação e integração desse ser social que chega à escola trazendo características herdadas do meio em que vive. Sendo dentro do contexto do ensino de História, é importante refletir sobre quais conteúdos disciplinares podem ser mais representativos e significativos para esses alunos.

Dessa forma, outro argumento pertinente para essa discussão é o que Freire (1996) propõe ao indagar o leitor: “Por que não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (p. 17). Assim, pode-se afirmar que as práticas de ensino, incluindo o ensino de História, devem obrigatoriamente, atender às necessidades desse aluno enquanto sujeito social, que carrega consigo as heranças formativas do seu núcleo familiar e as expressa, direta ou indiretamente, em sala de aula.

Essa herança reverbera diretamente na aprendizagem da disciplina de História, influenciada pelos repertórios culturais que os estudantes trazem do ambiente familiar. A partir da perspectiva de Pierre Bourdieu (1998), o processo educativo é atravessado pelo capital cultural herdado, que inclui hábitos de leitura, formas de linguagem, valores simbólicos e experiências sociais transmitidas cotidianamente pela família. Esses elementos moldam a relação dos estudantes com os textos históricos, com a interpretação de fontes e com a capacidade de estabelecer conexões entre passado e presente.

Assim, entende-se um ponto chave dessa pesquisa, que a presença da família não se limita ao acompanhamento escolar formal, mas envolve a transmissão de disposições culturais que interferem diretamente na motivação, na compreensão e na construção da consciência histórica dos jovens. Famílias que estimulam conversas sobre acontecimentos sociais, memórias, histórias de vida e práticas culturais ampliam as possibilidades de leitura crítica e enriquecem o conjunto de referências que os alunos mobilizam ao aprender História.

### 3 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, com apoio em dados quantitativos, tendo como objetivo compreender a percepção dos estudantes acerca da participação da família em seu processo de ensino e aprendizagem na disciplina de História. A investigação foi desenvolvida no Estadual Mundial, localizado no município de São Cristóvão (SE), instituição pública que atende estudantes do ensino fundamental e médio, majoritariamente oriundos de contextos socioeconômicos vulneráveis. A escolha da escola como campo empírico está relacionada tanto à sua relevância social quanto à proximidade do pesquisador com o ambiente, onde já atuou como estudante e estagiário, o que possibilitou um olhar mais sensível e atento às dinâmicas escolares.

Do ponto de vista metodológico, busca-se compreender fenômenos sociais a partir das experiências e percepções dos sujeitos envolvidos. Para a coleta de dados, optou-se pela utilização de questionários estruturados, por se tratar de um instrumento capaz de alcançar um número significativo de participantes e reunir informações objetivas sobre práticas, opiniões e vivências relacionadas ao tema investigado.

Foram construídos dois questionários distintos: um direcionado aos estudantes do 1º ano do ensino médio (APÊNDICE A) e outro à professora de História responsável pela turma (APÊNDICE B). O questionário destinado aos estudantes foi composto majoritariamente por questões objetivas e de múltipla escolha, elaboradas com o intuito de identificar aspectos como: o incentivo familiar aos estudos, a presença de diálogos sobre o passado e a história familiar, a orientação dos responsáveis quanto ao uso da *internet* e à veracidade das informações, a participação em atividades culturais como visitas a museus, bem como estratégias que os próprios estudantes consideram importantes para tornar as aulas de História mais interessantes e significativas. As questões buscaram compreender, de forma ampla, como os alunos percebem o apoio familiar em sua trajetória escolar e de que maneira esse apoio influencia sua relação com o conhecimento histórico.

O questionário aplicado à professora Cristina Santos<sup>4</sup> teve como objetivo complementar a análise, oferecendo a perspectiva docente sobre a participação das famílias no cotidiano escolar. Por meio dele, buscou-se compreender como a professora percebe o envolvimento dos responsáveis na vida acadêmica dos estudantes, quais impactos essa presença ou ausência

---

<sup>4</sup> Nome fictício dado a professora escolhida para esta pesquisa. A docente em questão autorizou a realização da pesquisa e publicação da mesma, mas devido a questões de ética seu nome oficial foi preservado

pode gerar no desempenho e no interesse pela disciplina e quais estratégias pedagógicas são utilizadas para aproximar o conteúdo histórico da realidade social dos alunos.

O recolhimento das informações por meio dos questionários ocorreu em ambiente escolar, durante o período da aula de História, com a autorização da instituição e da professora responsável, além da devida autorização dos responsáveis legais através de termos de autorização enviados no dia anterior à participação dos estudantes (ANEXO A). A participação dos estudantes foi voluntária e anônima, garantindo maior liberdade, o que de certo modo, como pode ser percebido, oportunizou maior sinceridade nas respostas. Após a coleta, os dados foram organizados em planilhas (APÊNDICE C), o que possibilitou a quantificação das respostas e a identificação de frequências e percentuais. Esse procedimento permitiu visualizar padrões, tendências e recorrências nas percepções dos participantes.

A análise dos dados foi realizada de forma interpretativa, articulando os resultados obtidos com o referencial teórico que fundamenta a pesquisa. Nesse sentido, as contribuições de Pierre Bourdieu foram fundamentais para compreender a influência do capital cultural familiar no desempenho escolar e nas desigualdades educacionais, especialmente no que se refere às oportunidades de acesso ao conhecimento. Já as reflexões de Circe Bittencourt ofereceram suporte para pensar o ensino de História a partir das experiências, memórias e práticas culturais trazidas pelos estudantes de seus contextos familiares, permitindo problematizar como essas vivências podem favorecer ou dificultar a construção da consciência histórica.

Desse modo, a metodologia adotada buscou integrar dados empíricos e reflexão teórica, valorizando a voz dos estudantes envolvidos no processo educativo e considerando as condições sociais que atravessam a realidade escolar. A combinação entre análise quantitativa das respostas e interpretação qualitativa de seus significados possibilitou uma compreensão mais ampla do fenômeno investigado, contribuindo para o debate sobre o papel da família na formação escolar e no ensino de História em contextos marcados por desafios sociais e educacionais.

## 4 REFERENCIAL TEÓRICO

### 4.1 Família, capital cultural e reprodução das desigualdades

A sociologia da educação de Pierre Bourdieu contribui significativamente para a compreensão das desigualdades escolares e das relações entre família, cultura e aprendizagem. Para o autor, o desempenho acadêmico dos estudantes não depende exclusivamente do esforço individual, mas de um conjunto de disposições herdadas no meio familiar, que influenciam diretamente suas trajetórias escolares (Bourdieu, 1998). Esses elementos constituem aquilo que o autor denomina “capitais” culturais, sociais, econômicos e simbólicos, recursos acumulados ao longo da vida que moldam modos de ser, agir e aprender. Quando se analisa a influência do capital cultural institucionalizado na progressão escolar ou na escolha por uma trajetória acadêmica, observa-se que:

[...] a ação do meio familiar sobre o êxito escolar é quase exclusivamente cultural. Mais que os diplomas obtidos pelo pai, mais do que o tipo de escolaridade que ele seguiu, é o nível cultural global do grupo familiar que mantém a relação mais estreita com o êxito escolar da criança. (Bourdieu, 1998, p. 45).

O **capital cultural**, conceito central na obra de Bourdieu, manifesta-se em três formas: incorporada (habilidades, linguagem, hábitos e disposições cognitivas adquiridas no ambiente familiar), objetivada (bens culturais, como livros, instrumentos, obras) e institucionalizada (certificados e diplomas). Famílias com maior capital cultural tendem a oferecer mais estímulos intelectuais, práticas de leitura e repertórios que facilitam a compreensão dos conteúdos escolares. Em contrapartida, estudantes de grupos populares frequentemente têm acesso limitado a essas práticas, o que restringe sua relação com o conhecimento formal, incluindo o ensino e a aprendizagem histórica.

Além disso, o autor discute o **capital social**, definido como o conjunto de relações e redes que podem oferecer apoio ou oportunidades escolares e profissionais. Famílias com maior capital social geralmente possuem vínculos institucionais e repertórios de apoio que favorecem a trajetória educacional de seus filhos. Já famílias situadas em contextos de vulnerabilidade, como ocorre com muitos estudantes do Colégio Estadual Mondial, dispõem de redes mais restritas, o que impacta diretamente o acompanhamento escolar.

Esse capital social, quando articulado à lógica de funcionamento do sistema escolar, contribui para a reprodução das desigualdades, pois a escola tende a reconhecer e valorizar comportamentos, repertórios e disposições mais familiares aos grupos socialmente privilegiados. Assim, mesmo sem intenção explícita de selecionar, a escola privilegia aqueles cujos capitais culturais e sociais se aproximam do modelo legitimado pela instituição. Como afirma Bourdieu:

Ao atribuir aos indivíduos esperanças de vida escolar estritamente dimensionadas pela sua posição na hierarquia social, e operando uma seleção que, sob as aparências da equidade formal, sanciona e consagra as desigualdades reais, a escola contribui para perpetuar as desigualdades, ao mesmo tempo em que as legitima. (Bourdieu, 1998, p. 58).

Dessa forma, a instituição escolar acaba reconhecendo como mérito aquilo que é, em grande medida, resultado das vantagens sociais acumuladas anteriormente. Os estudantes que chegam à escola com hábitos de estudo, modos de falar, repertórios culturais e formas de interpretação do mundo adquiridos no ambiente familiar encontram maior facilidade em atender às exigências escolares. Esse desempenho acaba sendo interpretado como fruto exclusivo do esforço individual, reforçando o que Bourdieu (1998) denomina ideologia do dom, a crença de que certas capacidades são inatas, quando na verdade são socialmente construídas. Como afirma:

“O sucesso excepcional de alguns indivíduos que escapam ao destino coletivo dá uma aparência de legitimidade à seleção escolar (...) fazendo crer que o sucesso é uma simples questão de trabalho e de dons.” (Bourdieu, 1998, p. 59).

Consequentemente, a escola reforça a ideia de mérito individual ao mesmo tempo em que oculta as condições sociais que favorecem determinados estudantes. Essa lógica articula-se ao mecanismo da **superseleção**, no qual a instituição valoriza e agrupa, mesmo que de forma não intencional, alunos que já possuem maior capital cultural e social. No Colégio Estadual Mundial, essa dinâmica torna-se perceptível na organização das turmas: observa-se a tendência de concentrar alunos com melhor desempenho em determinadas salas e aqueles com maiores dificuldades em outras, como alunos mais capitalizados ficam no 1º A e 1º B, refletindo a lógica desigual descrita por Bourdieu (1998).

No ensino de História, essas desigualdades tornam-se ainda mais evidentes, pois a disciplina exige competências interpretativas profundamente ligadas ao capital cultural como leitura de textos, análise de imagens, compreensão de temporalidades e articulação de narrativas. A ausência de repertório familiar relacionado a temas históricos, a pouca

familiaridade com práticas de leitura e o reduzido contato com bens culturais limitam a apropriação dos conteúdos e a construção da consciência histórica, convertendo desigualdades socioculturais em desigualdades escolares.

No caso do Colégio Estadual Mundial, onde muitos estudantes vivem em contextos de vulnerabilidade socioeconômica, tais efeitos aparecem de forma ainda mais intensa. Durante o estágio realizado na instituição, foi possível observar dificuldades recorrentes entre os alunos: limitações de leitura e interpretação de textos simples, pouco domínio de práticas de escrita, baixa motivação para as aulas e dificuldades no cumprimento das atividades propostas. Esses elementos evidenciam não apenas desafios individuais, mas também a influência direta das condições socioculturais e das dinâmicas familiares sobre o engajamento escolar.

Por esses motivos, a teoria bourdieusiana torna-se fundamental para esta pesquisa, pois oferece base sólida para compreender a experiência desses estudantes e analisar os problemas estruturais relacionados ao ensino e às desigualdades educacionais. A partir desse referencial, torna-se possível considerar o ponto de vista dos próprios estudantes, compreendendo de que maneira interpretam seus contextos culturais e sociais e como percebem a participação familiar em suas trajetórias. Assim, o questionário (apêndice A) elaborado com base nas contribuições de Bourdieu (1998) permite captar essas percepções e refletir sobre práticas que fortaleçam a relação entre família, escola e estudantes, contribuindo para um processo de aprendizagem mais equitativo e significativo.

As reflexões apresentadas demonstram que os processos de aprendizagem, inclusive no ensino de História, são profundamente influenciados pelas condições culturais e sociais herdadas no meio familiar. Bourdieu (1998) permite compreender como essas desigualdades se reproduzem no interior da escola e interferem na formação intelectual dos estudantes, oferecendo uma lente minuciosa para interpretar realidades como a do Colégio Mondial.

Além disso, a metodologia quantitativo-qualitativa adotada na pesquisa baseia-se na participação de 67 estudantes, cujas respostas constituem as principais fontes de análise da problemática central, com base nas teorias discutidas ao longo do trabalho. Busca-se averiguar, em escala reduzida, especialmente quando comparada ao número de aproximadamente 156 mil estudantes matriculados na rede pública estadual de Sergipe em

2025<sup>5</sup>, os impactos da influência do capital cultural familiar entre os estudantes do Colégio Mundial. Embora se trate de uma amostra limitada dentro do contexto do município de São Cristóvão, que conta com mais de 3 mil estudantes matriculados no Ensino Médio, os dados obtidos são oportunos por possibilitarem uma compreensão situada e aprofundada da realidade investigada, contribuindo para reflexões mais amplas sobre a estrutura educacional e suas desigualdades na localidade, bem como, podem auxiliar para o desenvolvimento de propostas didáticas e auxiliar na construção e/ou fortalecimento de políticas públicas educacionais.

Dessa forma, esta pesquisa adquire relevância ao aproximar teoria e prática, utilizando os conceitos bourdieusianos para compreender como os estudantes percebem o papel da família em sua vida escolar e como essas percepções influenciam seu contato com o conhecimento histórico. Ao trazer as suas vozes para o centro da análise, o estudo contribui não apenas para identificar desafios, mas também para pensar práticas pedagógicas mais sensíveis às condições socioculturais dos discentes. Assim, reafirma-se a importância de um ensino de História que não reproduza desigualdades, mas que reconheça e dialogue com as realidades dos sujeitos que compõem a escola pública.

#### **4.2 Fundamentos e métodos para um ensino de história com a participação familiar**

Compreender como se desenvolve o ensino de História no Brasil é fundamental para os objetivos desta pesquisa, pois esse campo de estudo articula diretamente os três eixos centrais analisados: família, escola e aprendizagem histórica. A disciplina vem passando por transformações profundas ao longo das últimas décadas, marcadas por disputas de narrativas, reconstruções curriculares e reconfigurações metodológicas que refletem tanto os movimentos sociais quanto às discussões pedagógicas que permeiam a escola contemporânea. Nesse contexto, a obra de Circe Maria Fernandes Bittencourt (2008) destaca-se como uma das mais completas e consistentes do campo, ao oferecer um panorama crítico sobre os fundamentos teóricos e metodológicos que orientam a prática docente e a formação do pensamento histórico. Seu trabalho permite compreender não apenas o que se

---

<sup>5</sup> A rede pública estadual encerrou o ano de 2025 com cerca de 156 mil estudantes matriculados em 318 unidades escolares e, para 2026, amplia a oferta para mais de 160 mil vagas distribuídas em 319 escolas, presentes nos 75 municípios de Sergipe. O crescimento também se reflete na educação em tempo integral, que passa de 109 para 146 escolas, reforçando o compromisso do Governo do Estado com a ampliação da jornada escolar e a melhoria da qualidade do ensino.

ensina, mas sobretudo por que e como se ensina História nas escolas brasileiras, iluminando questões essenciais para a análise proposta neste estudo.

Segundo Bittencourt (2008), o ensino de História deve ultrapassar os limites da simples memorização de datas, nomes e acontecimentos, assumindo um **caráter formador, crítico e emancipatório**. Embora essa perspectiva nem sempre seja plenamente contemplada na formação inicial do professor de História, ela constitui um princípio essencial para qualquer docente comprometido com um ensino significativo. A autora indica que “o conhecimento histórico não se limita a apresentar o fato no tempo e no espaço acompanhado de uma série de documentos que comprovam a sua existência” (Bittencourt, 2008, p. 183), destacando que a aprendizagem histórica envolve muito mais do que a exposição de conteúdos. Essa compreensão evidencia que aprender História implica desenvolver habilidades interpretativas que permitam ao aluno compreender transformações, perceber contradições, analisar discursos e reconhecer-se como sujeito histórico. Tais competências, contudo, não se constroem de forma espontânea, especialmente entre estudantes que vivem em contextos de vulnerabilidade social, como ocorre no Colégio Estadual Mundial, onde a escola se torna, muitas vezes, o principal espaço de acesso a uma leitura crítica do mundo.

Nessa direção, o papel da escola torna-se ainda mais relevante para essa pesquisa, pois ela frequentemente representa o principal espaço de acesso a práticas de leitura crítica da realidade. Essa dimensão se articula com a noção de **letramento histórico** um dos objetivos a ser analisados, conforme proposto por Rocha (2021), que o define como “o processo de conhecer o domínio de conhecimentos históricos de diferentes ordens, a partir de práticas de linguagem, leitura e escrita, que envolvem reflexão sobre aspectos como o tempo cronológico e o tempo histórico” (Rocha, 2021, p. 55). Ao incorporar essa perspectiva, o ensino de História aproxima-se mais das experiências dos alunos, favorecendo a construção de sentidos para o conhecimento histórico e ampliando suas possibilidades de compreender e intervir no mundo social

Nesse sentido, torna-se pertinente incorporar a prática do letramento histórico ao ensino, articulando os conhecimentos prévios que os estudantes trazem de seus contextos familiares com os conteúdos trabalhados em sala de aula. Bittencourt (2008) destaca que o ensino de História deve dialogar diretamente com as experiências pessoais dos alunos, valorizando suas memórias, identidades e práticas culturais. Para a autora, a sala de aula não é um espaço neutro, mas um ambiente onde diferentes culturas se encontram, interagem,

entram em conflito e, muitas vezes, se silenciam. Assim, ela argumenta que “o trabalho pedagógico precisa partir dessas vivências para que novos conhecimentos sejam construídos, reconhecendo as múltiplas culturas que compõem o cotidiano escolar” (Bittencourt, 2008, p. 189).

Essa metodologia é particularmente eficaz para alunos que enfrentam dificuldades de leitura e interpretação, realidade marcante nas turmas que participaram desta pesquisa. Muitos estudantes demonstram resistência à leitura de textos escritos ou às atividades que exigem escrita longa, mas se envolvem mais facilmente quando a aula utiliza imagens, vídeos, músicas, memes, fotografias ou relatos da própria comunidade escolar. Exemplo prático vivenciado no período de estágio onde em uma aula no laboratório de informática todos os alunos se dedicaram a realizar a atividade utilizando a plataforma *Kahoot*. A possibilidade de trabalhar com materiais mais próximos da vivência do aluno facilita sua entrada no universo da análise histórica, constituindo uma ponte entre seu repertório familiar e os conteúdos formais.

Outra contribuição significativa apresentada por Bittencourt diz respeito ao trabalho com **conceitos históricos**, elemento central para evitar práticas mecânicas de ensino baseadas apenas na transmissão e na memorização. A autora critica abordagens em que o professor expõe o conteúdo e o aluno apenas reproduz definições, sem compreender sua profundidade ou estabelecer relações com seus próprios conhecimentos. Segundo Bittencourt (2008, p. 189,190):

O importante, na aprendizagem conceitual, é que sejam estabelecidas as relações entre o que o aluno já sabe e o que é proposto externamente, no caso, por interferência pedagógica, de maneira que se evitem formas arbitrárias e apresentação de conceitos sem significados, os quais acabam sendo mecanicamente repetidos pelos alunos, confundindo-se domínio conceitual com definição de palavras”.

Dessa forma, a autora reforça que o ensino de História precisa promover a construção de significados, articulando saberes prévios e novos conhecimentos, para que os estudantes não apenas memorizem conteúdos para a avaliação, mas desenvolvam compreensão crítica dos processos históricos.

Essa compreensão dialoga diretamente com as reflexões de Paulo Freire já vistas anteriormente, especialmente quando o autor critica a educação bancária e defende um processo formativo baseado no diálogo e na construção coletiva de sentidos. Para Freire

(1996), o conhecimento só se torna verdadeiro quando é significativo para o sujeito, ou seja, quando se conecta com sua experiência de vida, com sua cultura e com as condições concretas em que vive. Ao propor que o ensino de História estabeleça uma “intimidade” entre os saberes escolares e as vivências dos estudantes, Freire reforça exatamente o que Bittencourt aponta ao tratar da aprendizagem conceitual: conceitos não são palavras soltas, mas instrumentos de leitura do mundo. Assim, ao relacionar os saberes cotidianos dos alunos, muitos deles marcados por realidades de vulnerabilidade social, com os conteúdos históricos, o professor favorece uma aprendizagem crítica, dialógica e emancipadora, tornando a História um campo de reflexão sobre si e sobre o mundo.

Essa postura docente exige que o ensino de História seja sensível ao contexto sociocultural dos estudantes e reconheça o papel do professor como mediador fundamental na construção do conhecimento histórico. Para compreender essa mediação foi aplicado um questionário com 10 questões, sendo 5 objetivas e 5 subjetivas (Apêndice 2), à professora de História Cristia Santos, responsável pelas turmas dos 1º anos A, B, C, D e ProSic A<sup>6</sup> do Colégio Estadual Mundial. O instrumento buscou observar a perspectiva de uma profissional com mais de dez anos de atuação na rede pública, especialmente no que diz respeito à participação familiar no processo ensino-aprendizagem e às práticas metodológicas utilizadas para favorecer o engajamento dos alunos. Para isso, o questionário abordou aspectos como tempo de experiência docente, percepção sobre o acompanhamento familiar, impacto desse acompanhamento no desempenho dos estudantes, dificuldades enfrentadas em sala de aula, estratégias de aproximação entre escola e família, uso de atividades que envolvem o núcleo familiar e avaliação do livro didático e de práticas pedagógicas diferenciadas.

Nessa perspectiva, esta pesquisa busca compreender, a partir dos aportes de Bittencourt (2008), quais métodos e práticas de ensino podem favorecer o desenvolvimento do letramento histórico, articulando-o ao repertório cultural que os estudantes trazem de seus contextos familiares. Pretende-se também analisar a importância do uso de fontes históricas

---

<sup>6</sup> O Programa Sergipe na Idade Certa (ProSIC), criado pela Secretaria de Estado da Educação de Sergipe, é uma iniciativa de correção de fluxo destinada a estudantes do Ensino Fundamental que apresentam distorção idade/série. Desde seu lançamento em 2019, o programa tem crescido significativamente, atendendo milhares de alunos com dificuldades de aprendizagem acumuladas ao longo da trajetória escolar. As turmas do ProSIC são organizadas em quatro fases, de acordo com a idade e o ano em que o estudante deveria estar matriculado: a Fase 1 reúne alunos em distorção no 3º ano; a Fase 2, no 4º e 5º anos; a Fase 3, no 6º e 7º anos; e a Fase 4, no 8º e 9º anos. O objetivo é permitir que esses jovens avancem mais rapidamente e retomem a progressão adequada, combatendo processos de retenção, fracasso escolar e exclusão social, por meio de um acompanhamento pedagógico contínuo.

diversificadas em sala de aula, especialmente aquelas vinculadas à cultura material, por meio de aulas dinâmicas e metodologicamente variadas, capazes de promover uma aprendizagem significativa e fortalecer a relação entre família e escola. Além disso, busca-se identificar as fragilidades e necessidades percebidas pelo professor no cotidiano escolar, tomando como base os relatos oferecidos pela professora Cristina Santos no questionário aplicado. A análise dessas respostas permite compreender tanto os desafios pedagógicos enfrentados pelo docente quanto pela estrutura institucional da escola base desta pesquisa, possibilitando a elaboração de propostas que contribuam para o aprimoramento do ensino de História na instituição. No capítulo a seguir apresentam-se as questões que compuseram o referido questionário, fundamentais para o desenvolvimento desta investigação, debatendo cada uma com o referencial teórico posto até aqui.

## **5 A PERCEPÇÃO DOCENTE**

Compreender o ensino de História a partir do olhar do professor é um passo essencial para esta pesquisa, sobretudo porque é na sala de aula, no encontro cotidiano entre docente, estudantes e seus mundos sociais que os desafios, potencialidades e limites do processo educativo se tornam mais visíveis. Nesse sentido, ouvir a professora de História do Colégio Estadual Mondial não é apenas um procedimento metodológico, mas um gesto de valorização da experiência de quem vive, diariamente, as tensões entre aprendizagem, cultura escolar, condições materiais e participação familiar.

A aplicação do questionário à professora Cristina Santos permitiu identificar sua percepção acerca do envolvimento dos pais, das dificuldades enfrentadas pelas turmas, de suas escolhas metodológicas e da maneira como compreende o papel da disciplina de História na formação dos estudantes. Suas respostas, quando colocadas em diálogo com o referencial teórico de Bittencourt, Bourdieu e demais autores mobilizados nesta pesquisa, contribuem para evidenciar como a realidade escolar concreta confirma, tensiona ou amplia as discussões acadêmicas sobre ensino, desigualdades e cultura histórica.

Assim, este capítulo propõe uma análise qualitativa que, mesmo fundamentada na percepção de apenas uma docente, busca delinear um cenário representativo da experiência de muitos professores da escola pública. Não se pretende estabelecer um modelo específico de ensino, mas identificar padrões e desafios que possam subsidiar reflexões e possíveis encaminhamentos pedagógicos capazes de minimizar os impactos das desigualdades associadas à ausência ou limitação do capital cultural familiar.

Dessa forma, as questões objetivas e subjetivas selecionadas e aplicadas nesta pesquisa foram elaboradas a partir de inquietações recorrentes surgidas ao longo da graduação e dos estágios obrigatórios, especialmente aquelas relacionadas aos referenciais teóricos estudados. Buscou-se contemplar aspectos centrais observados na prática docente e na vivência cotidiana em sala de aula. Temas como a participação dos pais, as dificuldades de engajamento dos estudantes, as experiências de vida que influenciam o processo de aprendizagem e as intervenções didáticas adotadas configuram problemáticas frequentes e diretamente vinculadas ao problema central investigado neste trabalho.

### **5.1 Questões objetivas de 1 a 5**

A análise das questões objetivas oferece uma resposta direta à percepção docente, fundamentada na experiência de mais de dez anos de atuação em escola pública, conforme indicado na questão 1. Essas respostas contribuem para delimitar o foco central da pesquisa, ao possibilitar que docentes de História, como é o caso da professora em questão, reflitam sobre a relação entre família e ensino da disciplina, oportunizando voz à prática docente e servindo como fonte relevante para esta investigação. Com toda a experiência acumulada, a professora confirma uma hipótese presente desde o início do estudo: a participação dos pais na vida escolar ocorre apenas ocasionalmente e, quando presente, contribui significativamente para o ensino de História. Entretanto, conforme sinalizado nas questões 3 e 4, essa ausência pode estar diretamente relacionada às condições sociais dessas famílias, que muitas vezes dispõem de pouco tempo para acompanhar de forma mais efetiva a trajetória escolar dos filhos.

Além disso, conforme evidenciado na questão 5, percebe-se uma diferença no rendimento e no interesse entre os alunos que recebem apoio familiar e aqueles que não contam com esse suporte. Embora tal constatação já fosse esperada, ela precisa ser explicitada para que se possa compreender, de maneira mais precisa, como essa participação influencia concretamente o processo de aprendizagem e qual é o seu peso específico no ensino de História. Considerando que grande parte dos estudantes investigados pertence a famílias de baixa renda, o referencial de Pierre Bourdieu (1998) auxilia na interpretação desses dados, ao destacar que o capital cultural herdado, composto por saberes, disposições, gostos e valores, que nem sempre dialoga diretamente com os saberes legitimados pela escola, o que pode gerar distanciamentos e impactar o desempenho escolar.

De tal maneira, estudiosos e estudiosas do campo da educação frequentemente sinalizam que a participação familiar na vida escolar se configura como um desafio de longa

data no cenário educacional. Contudo, é fundamental situar este estudo em 2026, um período marcado por avanços em políticas públicas. Tais avanços englobam desde o investimento direto em ensino e infraestrutura até o suporte para acesso e permanência escolar, como o Programa Bolsa Família e o Programa Pé de Meia.

Por um lado, embora esses programas contribuam diretamente com o auxílio de renda para a erradicação da evasão escolar e a manutenção de crianças e adolescentes na escola, eles não abordam a rotina extenuante de pais, mães e demais responsáveis que cumprem extensas jornadas de trabalho. Nesse contexto, a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 8/2026<sup>7</sup>, que tramita no Senado e busca o fim da escala de trabalho 6x1, visa não apenas proporcionar melhores condições de trabalho, mas também impactar positivamente a vida de seus filhos e filhas, ampliando as possibilidades de uma maior participação na educação escolar, o que sem dúvidas contribuíram com as propostas levantadas até agora, melhorando consideravelmente a união de escola, pais e filhos.

## 5.2 Questões 6 a 10

### 5.2.1 Questão 6: Dificuldade de engajar os alunos - história como algo distante

A professora afirma que “as principais [dificuldades] são os estudantes acreditarem que a História é decoreba, como também algo distante de suas vidas”. Esse diagnóstico dialoga diretamente com o que já foi discutido no capítulo anterior, especialmente sobre o peso dos conhecimentos prévios dos alunos, muitas vezes formados no senso comum e sobre o papel fundamental do professor em aproximar esses saberes espontâneos do conhecimento histórico escolar. A dificuldade de engajamento não está apenas na falta de interesse, mas na ausência de significado: quando o estudante não vê vínculo entre o conteúdo e sua própria vida, a disciplina perde sentido formativo. Bittencourt (2008) descreve exatamente esse fenômeno ao afirmar que:

É comum professores relatarem que determinado conceito foi ensinado, mas “o aluno não aprendeu nada”, que o ensinado serve apenas para responderem às provas ou ainda que os alunos transformaram radicalmente o explicado, dando-lhe um sentido contrário ao exposto (p. 189).

---

<sup>7</sup> A Comissão Especial que se destina a debater e apresentar sugestões à PEC 8/25, que acaba com a escala de trabalho 6x1, trará importantes subsídios para o avanço na redução da jornada de trabalho no Brasil. A temática está em pauta no país desde a Constituinte de 1988, período marcado por discussões fundamentais na definição dos pilares do Estado Democrático de Direito do Brasil - dentre eles, a jornada de trabalho e estabilidade no emprego. A insustentabilidade do modelo de trabalho abusivo e adoecedor, de escravização moderna do trabalhador, como a escala 6x1, é um tema inescapável para o conjunto da sociedade, assim como foi a abolição da escravidão no Brasil, a conquista da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), a redução da jornada de 48h para 44h na Constituinte e aprovação da PEC das domésticas.

Isso ocorre porque o conhecimento histórico, quando apresentado de forma descontextualizada, tende a ser memorizado mecanicamente, e não compreendido de fato. Assim, a fala da professora confirma o alerta de Bittencourt: para muitos estudantes a História parece desconectada do presente, reduzida a datas e acontecimentos distantes, o que reforça a ideia de que basta decorar para a prova. Para superar essa visão empobrecida da disciplina, torna-se necessário repensar as práticas pedagógicas, investindo em metodologias que estabeleçam pontes entre a experiência do aluno, sua realidade social e os conteúdos históricos. Como discutido, isso implica abandonar exclusivamente o modelo de aula centrado no quadro e na repetição, e aproximar o conhecimento histórico das vivências cotidianas, tornando-o significativo, crítico e aplicável ao mundo em que os estudantes vivem.

### 5.2.2 Questão 7: Participação da família e construção de significado

A professora destaca que “os pais precisam entender o conceito de História”, o que segundo ela, essa falta de conhecimento, pode ser fruto da vida escolar desses familiares, o que supõe-se ser um problema fruto da má escolarização. Além disso, é destacado por ela a importância de estabelecer relação sobre o conhecimento herdado pelos pais para a vida escolar. Essa observação dialoga diretamente com a perspectiva de Bittencourt, que compreende que o aprendizado histórico não se limita ao conteúdo transmitido pelo professor, mas é profundamente influenciado pelas experiências, memórias e práticas culturais que os estudantes carregam de seus contextos familiares. A autora argumenta que, no caso do conhecimento histórico, essa dimensão torna-se ainda mais decisiva, pois implica considerar as experiências históricas vividas pelos próprios alunos, incluindo aquelas mediadas pela mídia, como cinema e televisão, que participam da formação espontânea de conceitos sobre o passado. Como afirma:

“No que se refere ao conhecimento histórico, essa posição torna-se ainda mais relevante, levando em conta as experiências históricas vividas pelos alunos e as apreensões de história apresentadas pela mídia — cinema e televisão, em particular — por parte das crianças e dos jovens em seu cotidiano. A História escolar não pode ignorar os conceitos espontâneos formados por intermédio de tais experiências” (Bittencourt, 2008, p. 189).

Essa reflexão torna ainda mais evidente a importância da fala da professora Cristina Santos, pois revela que o papel da família não se restringe ao acompanhamento formal como participação em reuniões ou auxílio em tarefas, mas abrange a formação cotidiana das referências culturais que estruturam a visão de mundo dos estudantes. É nesse ponto que as

contribuições de Bourdieu enriquecem ainda mais a análise: para o autor, a família é o primeiro espaço de transmissão do **capital cultural**, isto é, do conjunto de disposições, referências simbólicas, práticas e valores que orientam a forma como cada sujeito percebe e interpreta a realidade. Esse capital, acumulado ao longo da vida, influencia diretamente a maneira como os alunos se relacionam com o conhecimento escolar e com a própria disciplina de História.

Assim, quando a professora aponta que muitos pais não compreendem o conceito de História ou não conseguem estabelecer vínculos entre os conteúdos escolares e o cotidiano, ela também evidencia uma desigualdade estrutural descrita por Bourdieu: famílias com menor acesso ao capital cultural tendem a oferecer menos mediações simbólicas que favoreçam a aprendizagem escolar, o que impacta o rendimento e o interesse dos estudantes. A ausência frequente dos responsáveis no ambiente escolar, mencionada pela docente, reforça esse cenário, indicando que muitos alunos dependem quase exclusivamente da escola para desenvolver práticas de leitura histórica, formular interpretações críticas e construir significados para o que estudam.

Nesse sentido, ao articular a experiência docente às reflexões de Bittencourt e Bourdieu, torna-se possível compreender que fortalecer a relação entre família, escola e cultura histórica é fundamental para a construção de aprendizagens mais críticas, contextualizadas e socialmente significativas. A escola assume, assim, um papel compensatório essencial, ao mesmo tempo em que revela a urgência de políticas e práticas que aproximem as famílias do processo educativo e ampliem o acesso ao capital cultural necessário para que todos os estudantes possam se reconhecer como sujeitos históricos.

### 5.2.3 Questão 9: Livros didáticos e lacunas no conteúdo

A professora afirma: “Os livros didáticos geralmente possuem muitas lacunas; cabe nesse caso ao professor preenchê-las”. Essa percepção dialoga diretamente com a análise crítica desenvolvida por Bittencourt, que aponta para as diversas limitações do livro didático, incluindo fragilidades na apresentação de conteúdo, lacunas conceituais e problemas informativos. A autora enfatiza que “o livro didático possui limites, vantagens e desvantagens como os demais materiais dessa natureza, e é nesse sentido que precisa ser avaliado” (Bittencourt, 2008, p. 300–301). A prática docente da professora Cristina Santos corresponde a esse entendimento, pois ela reconhece que o livro didático deve ser utilizado como um

instrumento de apoio, e não como a única fonte organizadora do ensino. Durante meus dias de estágio, pude observar como ela ultrapassa as restrições do material, desenvolvendo aulas dinâmicas no laboratório de informática e na sala de vídeo, utilizando jogos, enquetes interativas e outras estratégias que ampliam as possibilidades de aprendizagem e envolvimento dos estudantes.

No caso específico do livro didático utilizado no Colégio Estadual Mondial, não identifiquei erros conceituais graves ou lacunas significativas que inviabilizam seu uso, exceto no material fornecido à turma do ProSic A. Esse conjunto de apostilas apresentava-se de forma extremamente resumida, fragmentada e desconexa em relação ao currículo previsto para as turmas de 1º ano do ensino médio, tornando-se inadequado tanto para a professora de História quanto para os demais docentes. Essa inadequação exigiu constantes adaptações nas aulas, além da elaboração de textos, exercícios e materiais impressos pela professora para suprir a insuficiência do recurso adotado. Tal necessidade reforça a análise de Bittencourt sobre os limites dos livros didáticos e evidencia o papel fundamental do professor na mediação e qualificação dos materiais pedagógicos utilizados no processo de ensino.

#### 5.2.4 Questão 10: Estratégias pedagógicas e saídas de campo

A professora relata: “Geralmente levo os alunos para conhecer museus [...] Os alunos são bastante receptivos, pois é algo diferente para eles.” Essa prática dialoga diretamente com as reflexões de Bittencourt (2008), que destaca a importância de metodologias que ultrapassem o ensino tradicional e aproximem os estudantes das fontes históricas reais. Para a autora, “as visitas a museus, arquivos e espaços de memória possibilitam ao aluno desenvolver uma relação concreta com o conhecimento histórico, tornando o aprendizado mais significativo” (Bittencourt, 2008, p. 355).

A fala da professora Cristina Santos demonstra que suas ações pedagógicas se alinham a uma proposta de ensino que valoriza a experiência direta e o contato com a cultura material. Durante o estágio, ficou evidente que atividades como visitas a museus despertavam grande interesse dos alunos, que participavam com curiosidade e entusiasmo. Um exemplo marcante foi a ida ao *Museu de Arte Sacra de São Cristóvão*, embora o espaço esteja localizado na mesma cidade onde a maioria dos estudantes residem, muitos jamais haviam tido a oportunidade de visitá-lo.

Essa experiência evidencia uma questão central discutida por Bourdieu: o acesso desigual ao capital cultural. Para o autor, bens culturais como museus, livros, exposições e espaços de memória fazem parte do repertório que algumas famílias conseguem transmitir, enquanto outras, em razão de limitações econômicas ou simbólicas, não oferecem esse tipo de vivência. Assim, ao promover saídas de campo, a professora não apenas diversifica suas aulas, mas também amplia o capital cultural dos alunos, oferecendo oportunidades que muitas vezes não são acessíveis em seus contextos familiares. Dessa forma, a escola cumpre um papel compensatório fundamental, aproximando os estudantes de práticas culturais que enriquecem sua compreensão histórica e fortalecem sua formação crítica.

Essa prática também dialoga com o conceito de **letramento histórico**, desenvolvido por Helenice Rocha (2021). A autora explica que o letramento histórico envolve habilidades de leitura, escrita, análise e interpretação de documentos e narrativas históricas, permitindo ao aluno compreender noções como tempo histórico, mudança, permanência, causalidade e múltiplas interpretações do passado. Para Rocha, o estudante aprende História quando interage com diferentes linguagens, fontes, objetos, lugares de memória e experiências sociais, construindo sentidos próprios sobre o passado a partir dessas práticas.

Ao levar os estudantes a museus e outros espaços de memória, a professora Cristina cria condições concretas para que o letramento histórico aconteça. Nessas saídas, os alunos não apenas “veem objetos antigos”, mas são introduzidos a diferentes formas de representação do passado, aprendendo a observar, perguntar, interpretar e relacionar o conteúdo escolar com elementos reais e palpáveis da cultura material. Para estudantes que têm pouco contato com bens culturais fora do ambiente escolar, realidade comum no Colégio Estadual Mundial esse tipo de exposição amplia repertórios, desenvolve autonomia interpretativa e fortalece a consciência histórica.

Além disso, essas experiências auxiliam no rompimento da percepção de que a História é “decorar conteúdos” ou algo distante do cotidiano, visão mencionada pela própria professora no questionário. As atividades externas tornam o conhecimento histórico mais concreto, significativo e conectado ao mundo social dos jovens, contribuindo para que compreendam a História como construção humana e não como um conjunto fixo de informações.

Assim, observa-se uma convergência entre teoria e prática: enquanto Bittencourt enfatiza o valor pedagógico das fontes e espaços de memória, Rocha destaca a formação de competências interpretativas próprias do letramento histórico e a professora incorpora ambas as perspectivas em sua prática docente. Ao promover essas experiências, ela não apenas diversifica o ensino, mas também possibilita que seus alunos ampliem seu capital cultural, superando parte das desigualdades apontadas por Bourdieu e fortalecendo sua formação enquanto sujeitos históricos.

## 6 A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES

A análise dos dados obtidos por meio do questionário (APÊNDICE C), constitui uma etapa essencial desta pesquisa, pois permite compreender como os próprios alunos percebem a participação familiar em suas trajetórias escolares e no processo de aprendizagem da disciplina de História. Diferentemente das análises teóricas desenvolvidas nos capítulos anteriores, aqui o foco recai sobre as vozes dos discentes, suas experiências cotidianas, percepções, dificuldades e práticas familiares, revelando as nuances que atravessam o contexto escolar investigado.

Foram ouvidos através do questionário, **67 estudantes** distribuídos entre as turmas A, B, C, D e ProSIC A, de um total aproximado de **150 matriculados** foi elaborado com o objetivo de captar aspectos relacionados ao acompanhamento familiar, ao interesse pela disciplina, às práticas culturais presentes no ambiente doméstico e às formas pelas quais a família contribui (ou não) para a construção do conhecimento histórico. Os resultados oferecem um panorama de parte das desigualdades de capital cultural e social das quais podem ser compreendidas a partir dos estudos de Bourdieu (1998), bem como das questões pedagógicas discutidas por Bittencourt (2008) acerca da formação do pensamento histórico e da importância das experiências culturais na aprendizagem.

A metodologia adotada nesta pesquisa caracteriza-se como uma abordagem qualitativa–quantitativa, com o objetivo de compreender como os estudantes do Colégio Estadual Mondial percebem a participação de suas famílias no processo de ensino e aprendizagem da disciplina de História. A escolha por uma metodologia híbrida justifica-se pela necessidade de analisar, simultaneamente, tendências numéricas e os significados subjetivos atribuídos pelos alunos às suas vivências escolares e familiares.

Assim, foram utilizados os aportes teóricos de Filho (2008), segundo o qual é fundamental classificar as informações quantitativas antes de medi-las ou contabilizá-las.

Para o autor, esse processo consiste em identificar propriedades comuns e afirmar que determinada pessoa ou objeto pertence a uma classe específica, tornando possível o que será, de fato, contado e analisado. Tal perspectiva mostrou-se útil para o trabalho de organização, medição e apuração dos dados obtidos, contribuindo para a problematização central da pesquisa, que busca verificar, entre estudantes de baixa renda, os impactos do capital cultural discutido anteriormente em todo o texto, com base nas teorias de Bourdieu.

A escolha da escola e das turmas participantes desta pesquisa, além dos aspectos pessoais já mencionados, fundamenta-se também em critérios logísticos, como a proximidade com a residência do pesquisador e com a Universidade Federal de Sergipe (UFS). Soma-se a isso a aproximação com a professora de História atuante na instituição, que, durante o período de estágio, demonstrou interesse pela proposta da pesquisa e abertura para refletir sobre possíveis melhorias nas práticas de ensino. A coleta de dados e os resultados deste trabalho têm como propósito retornar ao campo investigado como forma de contribuição e retribuição, colaborando para reflexões e possíveis avanços no ensino de História na instituição.

Ao longo da pesquisa, identificou-se um problema recorrente em todas as turmas: a não devolução dos termos de responsabilidade devidamente assinados pelos responsáveis legais que foram devidamente entregues e orientados em sala e através do grupo dos pais pela coordenação. Essa situação ocorreu tanto por esquecimento dos próprios estudantes quanto pela ausência ou pouca participação dos pais no processo. Em uma turma específica, o 1º ano D, apenas cinco estudantes apresentaram os termos assinados e, portanto, puderam participar da pesquisa. Ressalta-se que, mesmo após o envio de comunicados no grupo de *WhatsApp* dos responsáveis pela coordenação escolar e o reforço do aviso no dia anterior à aplicação do questionário, muitos estudantes não retornaram com a autorização necessária.

Cabe destacar que a participação reduzida de alguns estudantes evidencia dificuldades relacionadas ao acompanhamento familiar e à comunicação entre a escola e os responsáveis. Tal aspecto, longe de configurar apenas uma limitação metodológica, constitui também um dado relevante da própria pesquisa, pois reflete, na prática, os desafios enfrentados pela instituição escolar no estabelecimento de vínculos mais efetivos com as famílias. Assim, para a análise dos dados, serão consideradas exclusivamente as informações dos estudantes que entregaram o termo de autorização devidamente assinado. Embora essa exigência reduza o alcance da amostra, não compromete o objetivo central do estudo, uma vez que os dados obtidos permanecem significativos para a compreensão da problemática investigada.

Em relação ao perfil etário, trata-se majoritariamente de adolescentes, com idades compatíveis com o 1º ano do Ensino Médio, entre 14 a 16 anos, além de estudantes em situação de distorção idade-série, especialmente na turma do ProSIC A, programa voltado à correção de fluxo escolar. Essa diversidade etária e de trajetórias escolares revela um público heterogêneo, marcado por diferentes experiências familiares, culturais e educacionais, aspecto relevante para a compreensão das percepções dos estudantes sobre o ensino de História e a participação da família em sua formação escolar, tornando o público alvo da pesquisa relevante para o tema central.

Os estudantes pertencem, em sua maioria, a famílias inseridas em contextos socioeconômicos diversos, frequentemente marcados por restrições no acesso a bens culturais formais, como livros, museus e outros espaços institucionais de memória. Essa condição evidencia a desigual distribuição do capital cultural e reforça o papel central da escola como principal mediadora do conhecimento histórico e da ampliação do repertório cultural dos alunos. Conforme discutem Bourdieu (1998) e Bittencourt (2008), é nesse espaço que muitos estudantes têm sua primeira e, por vezes, única oportunidade de contato sistematizado com práticas de leitura, interpretação e reflexão histórica, o que torna o trabalho pedagógico ainda mais decisivo para a construção de aprendizagens significativas.

Durante os estágios obrigatórios realizados com as turmas, antes do desenvolvimento desta pesquisa, foi possível conhecer mais de perto os estudantes, bem como observar seus comportamentos e formas de interação ao longo das aulas. No cotidiano escolar, também pude acompanhar a participação dos alunos em propostas pedagógicas diferenciadas, realizadas em espaços como o laboratório de informática e a sala de vídeo. Essas experiências evidenciaram, em muitos casos, maior envolvimento, desempenho e interesse dos estudantes, indicando boa aceitação e empolgação diante de metodologias que rompem com o modelo tradicional de ensino.

Contudo, essa participação não se manifestava de maneira homogênea entre todos os alunos. Observou-se que parte deles demonstrava desmotivação, dificuldades de compreensão e resistência às atividades propostas, mesmo quando estas apresentavam caráter mais dinâmico e interativo. Essa disparidade levantou questionamentos centrais para a pesquisa: Por que alguns estudantes se envolvem mais facilmente com determinadas metodologias enquanto outros permanecem distantes do processo de aprendizagem? Em que medida fatores externos à escola, como o acompanhamento familiar, o acesso prévio a bens

culturais e as experiências vividas fora do ambiente escolar, influenciam esse engajamento? Tais indagações evidenciaram a necessidade de investigar mais profundamente a relação entre família, escola, ensino e aprendizagem de História, orientando a construção e a aplicação do questionário analisado neste capítulo.

### **6.1 Caracterização dos estudantes**

Os estudantes ouvidos apresentam um perfil marcado por forte energia, inquietação e intensa sociabilidade. Em sala de aula, é comum que se mostrem conversadores, dispersos e, em alguns momentos, considerados “bagunceiros”, especialmente quando as aulas seguem um formato exclusivamente expositivo. Essa postura, no entanto, não pode ser compreendida apenas como desinteresse, mas também como reflexo da faixa etária, do contexto social em que estão inseridos e das próprias dinâmicas contemporâneas de interação juvenil.

Grande parte desses alunos é oriunda de famílias de baixa renda, residentes em bairros periféricos do município, convivendo com limitações materiais e, muitas vezes, com responsabilidades domésticas precoces. Onde alguns alunos trabalham ou já exercem responsabilidades domésticas, como algumas meninas relatam viver em uma união estável na casa dos sogros. Esse contexto social influencia diretamente seu comportamento escolar, seja na dificuldade de concentração prolongada, seja na forma como se relacionam com as regras e com as exigências acadêmicas. A realidade socioeconômica também impacta o acesso a bens culturais e a experiências formativas fora do ambiente escolar, tornando a escola um dos principais espaços estruturados de aprendizagem.

Apesar da inquietação observada em determinadas situações, os estudantes demonstram significativa capacidade de envolvimento quando as aulas assumem um caráter mais dinâmico, participativo e contextualizado. Atividades que utilizam recursos tecnológicos, debates, jogos pedagógicos, aulas no laboratório de informática ou propostas interativas despertam maior atenção e engajamento. Nessas circunstâncias, é perceptível uma mudança no comportamento: a dispersão diminui, a participação aumenta e o interesse pelo conteúdo se torna mais evidente.

Essa característica evidencia que o comportamento agitado não deve ser interpretado apenas como indisciplina, mas como um indicativo da necessidade de metodologias que dialoguem com suas formas de interação e aprendizagem. Assim, compreender o perfil desses estudantes implica reconhecer tanto os desafios comportamentais quanto as potencialidades

presentes em sua capacidade de participação ativa quando estimulados por práticas pedagógicas diferenciadas, destacando a relevância do debate direto dessas características com os referenciais teóricos abordados até aqui.

## **6.2 Análise direta das respostas dos estudantes**

### **6.2.1 Questão 1: Composição do núcleo familiar - com quem você mora?**

A Questão 1 do questionário teve como objetivo identificar com quem os estudantes residem, buscando compreender aspectos da configuração familiar dos participantes da pesquisa. Esse dado inicial é fundamental, pois permite situar o contexto social e afetivo em que os alunos estão inseridos, elemento diretamente relacionado às possibilidades de acompanhamento escolar e à mediação do processo de aprendizagem.

As respostas indicam que a maior parte dos estudantes reside com pai e mãe, correspondendo a aproximadamente 45% dos participantes. Entretanto, observa-se também um percentual significativo de alunos que vivem apenas com a mãe (cerca de 19%), uma realidade comum no Brasil, além de estudantes que moram com avós, outros familiares ou em arranjos diversos. Esses dados evidenciam a pluralidade de configurações familiares presentes no contexto escolar investigado, revelando que o modelo familiar nuclear não é predominante de forma absoluta.

Um dado relevante que merece destaque é o fato de que três alunas declararam residir na casa dos sogros, juntamente com o namorado ou marido. Essa informação aponta para realidades familiares mais complexas e, em muitos casos, marcadas por processos de adultização precoce, responsabilidades domésticas e conjugais, que podem impactar diretamente a rotina escolar, o tempo disponível para os estudos e a forma de relação com a escola. De certa forma, tal realidade se configura como uma característica de uma educação generificada, constituída já de longa data, em que instiga as meninas a se casarem muito cedo, onde, junto de um processo desigual, apoia-se a ideia de completude (Zaluski, 2016; 2020). Processo esse que ainda permeia o cotidiano e reflete no desempenho escolar, tal como a conclusão dele.

Essa diversidade de arranjos familiares constitui um aspecto central para a análise da participação da família na vida escolar, uma vez que as condições de acompanhamento dos estudos, organização da rotina e estímulo às práticas escolares variam conforme a estrutura e a dinâmica familiar. Como destaca Bourdieu (1998), a família é o primeiro espaço de

socialização e transmissão do capital cultural, influenciando de maneira significativa a relação que o estudante estabelece com o conhecimento escolar.

Dessa forma, a caracterização dos estudantes a partir da Questão 1 não busca estabelecer relações deterministas entre estrutura familiar e desempenho escolar, mas sim evidenciar a heterogeneidade do público pesquisado. Esse panorama inicial contribui para compreender, nas análises seguintes, como diferentes contextos familiares podem influenciar as percepções dos alunos sobre o ensino de História e sobre o apoio recebido ao longo de suas trajetórias escolares.

#### 6.2.2 Questão 2 – Acompanhamento da vida escolar pelos familiares

A Questão 2 buscou identificar quem acompanha mais diretamente a vida escolar dos estudantes. As respostas indicam que esse acompanhamento é realizado majoritariamente pela mãe, enquanto a participação do pai aparece de forma menos frequente. Também há casos em que os alunos afirmam não contar com acompanhamento familiar sistemático.

Esse dado revela um padrão recorrente nas escolas públicas, em que a responsabilidade pelo acompanhamento educacional recai principalmente sobre a figura materna. Ao mesmo tempo, evidencia limites impostos pelas condições sociais e econômicas das famílias, como longas jornadas de trabalho ou baixo capital cultural, aspectos discutidos por Bourdieu (1998). Nessas situações, mesmo quando há interesse dos responsáveis, a participação no cotidiano escolar torna-se restrita.

Considerando a diversidade de arranjos familiares apresentada na questão anterior, observa-se que nem todos os estudantes dispõem de um adulto disponível para mediar sua relação com a escola. No ensino de História, essa ausência de acompanhamento pode impactar diretamente a aprendizagem, uma vez que a disciplina exige leitura, interpretação e reflexão crítica. Assim, os dados reforçam o papel central da escola como principal mediadora do conhecimento histórico para muitos alunos.

#### 6.2.3 Questão 3 – Interesse e acompanhamento familiar nos estudos de história

As respostas dos estudantes à terceira questão indicam que o acompanhamento familiar em relação à disciplina de História ocorre, em sua maioria, de forma esporádica. Grande parte dos alunos (47,8%) relata que os responsáveis demonstram interesse apenas em

situações pontuais, como em períodos avaliativos ou diante de dificuldades mais evidentes, enquanto uma parcela significativa (29,9%) aponta a ausência de um acompanhamento sistemático. Apenas uma minoria afirma que a família costuma dialogar com frequência sobre os conteúdos históricos trabalhados em sala de aula.

Esses dados devem ser compreendidos à luz da realidade social brasileira, marcada por longas jornadas de trabalho, instabilidade econômica e múltiplas responsabilidades assumidas pelas famílias, especialmente nos contextos populares. Retomando a análise da Questão 1, é possível supor que muitas dessas dificuldades recaem de forma mais intensa sobre mães solo, que acumulam funções e responsabilidades. Tal cenário entra em tensão com o que estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/1996), ao afirmar que a educação é dever compartilhado entre o Estado e a família e que a formação escolar deve integrar-se às influências familiares e comunitárias, reforçando a parceria entre esses sujeitos. No entanto, como evidenciam as respostas dos estudantes, essa corresponsabilidade nem sempre se concretiza de forma equilibrada no cotidiano escolar, não necessariamente por desinteresse, mas pelas limitações materiais e sociais que dificultam a presença mais efetiva dos responsáveis na vida escolar dos filhos.

Nesse sentido, seguindo o raciocínio central desenvolvido ao longo desta pesquisa, torna-se inevitável relacionar essa realidade às reflexões já vistas com Bourdieu, ao considerar que as condições socioeconômicas interferem diretamente no acesso das famílias aos recursos culturais necessários para acompanhar o percurso escolar dos estudantes. No contexto do Colégio EstDUI Mondial, observa-se que os desafios financeiros enfrentados pelas famílias tendem a impactar o acompanhamento do desempenho escolar de seus filhos. Esse fator, somado ao fato de a grande maioria dos estudantes terem a mãe como principal, ou único, pilar de sustentação do lar, intensifica ainda mais as limitações econômicas que se refletem na participação escolar.

Contudo, uma análise mais aprofundada exigiria um estudo detalhado, caso a caso, sobre a rotina dessas famílias, o que não foi possível no tempo disponível para a realização desta pesquisa. Compreende-se, ainda, que os fatores econômicos não são os únicos responsáveis pela ausência de acompanhamento familiar, uma vez que muitas famílias de baixa renda conseguem manter-se presentes no cotidiano escolar dos filhos. Ainda assim, é inegável que, de modo geral, as condições socioeconômicas exercem impacto significativo no

processo de aprendizagem e no desenvolvimento escolar dos estudantes.

#### 6.2.4 Questão 4 – Memórias familiares e compreensão dos conteúdos de história

As respostas à quarta questão revelam que o compartilhamento de histórias de vida, memórias familiares ou acontecimentos do passado ocorre de forma limitada entre os estudantes. Embora uma parte dos alunos indique que essas narrativas aparecem “algumas vezes” (35,8%) em seu cotidiano, observa-se que uma parcela significativa afirma que esse tipo de diálogo acontece raramente ou nunca (29,9%). Esses dados sugerem que, para muitos estudantes, as histórias familiares são pouco mobilizadas ou não estabelecem relação direta com a disciplina de História, o que levanta questionamentos sobre o aproveitamento dos conhecimentos históricos oriundos do cotidiano.

Essa ausência ou baixa frequência de narrativas familiares evidencia uma lacuna importante na formação histórica dos alunos, uma vez que as memórias e experiências vividas pelas famílias poderiam funcionar como pontes entre o conhecimento escolar e a realidade concreta dos estudantes. Quando essas histórias não circulam no ambiente doméstico, a disciplina de História tende a ser percebida como algo distante, desvinculado da própria trajetória familiar e social dos discentes.

Esses aspectos retomam discussões já apresentadas ao longo da pesquisa acerca dos conhecimentos prévios dos estudantes. Conforme aponta Bittencourt (2007), o ensino de História não pode ignorar os conceitos espontâneos formados a partir das experiências vividas pelos alunos; ao contrário, faz-se necessário articular esses saberes com os conteúdos curriculares, por meio de propostas pedagógicas que fortaleçam o interesse e o sentido atribuído à disciplina. Ressalta-se, contudo, que esta pesquisa não alcançou, de forma aprofundada, relatos de estudantes que conseguissem associar diretamente histórias familiares aos conteúdos de História escolar, em razão das limitações de tempo. Ainda assim, essa constatação deixa uma interrogação relevante para o ensino de História: de que maneira as práticas pedagógicas em sala de aula podem favorecer a aproximação entre o conhecimento histórico escolar e as experiências de vida dos estudantes?

### 6.2.5 Questão 5 – Histórias familiares que auxiliam na compreensão da história

As respostas à quinta questão apresentam dados diversificados e relevantes para a pesquisa. De modo geral, poderia-se supor que narrativas familiares relacionadas a guerras ou eventos políticos, como a Ditadura Militar, seriam os temas mais mencionados pelos estudantes como auxiliares na compreensão dos conteúdos de História. Contudo, os dados obtidos contrariam essa expectativa: apenas 4,5% dos alunos afirmaram que histórias desse tipo contribuíram para a compreensão dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Esse cenário torna-se ainda mais preocupante quando se observa que 31,3% dos estudantes declararam que nenhuma história familiar auxiliou em sua aprendizagem, enquanto outra parcela significativa (13,4%) afirmou nunca ter ouvido relatos históricos por parte de seus familiares. Esses dados evidenciam que o privilégio cultural não se restringe ao acesso a museus, obras de arte ou manifestações culturais formais, mas também se expressa na possibilidade de participação, compreensão e transmissão de experiências relacionadas aos acontecimentos sociais que impactam diretamente a vida dos indivíduos.

A partir desses resultados, é possível levantar diferentes interpretações, que vão desde a dificuldade dos estudantes em recordar essas narrativas no momento da resposta até a ausência efetiva de uma relação entre o cotidiano familiar e os conteúdos históricos trabalhados na escola. Ambas as hipóteses dialogam com discussões já desenvolvidas ao longo desta pesquisa, especialmente com as reflexões de Bourdieu (1998) acerca do capital cultural e de sua influência no êxito escolar. Segundo o autor, as experiências culturais e sociais vivenciadas no seio familiar interferem diretamente na forma como os estudantes se relacionam com o conhecimento escolar, o que ajuda a compreender as respostas apresentadas pelos alunos do Colégio Estadual Mondial

Esse quadro se agrava quando se considera a histórica invisibilização das classes populares nos discursos sociais e educacionais. As famílias que compõem majoritariamente a comunidade escolar investigada pertencem a contextos socioeconômicos marcados por limitações materiais e simbólicas, o que pode dificultar a transmissão de memórias e experiências historicamente valorizadas pela escola. Conforme destaca Bourdieu (1998), estudantes das classes médias e populares muitas vezes não recebem, em seus lares, ensinamentos que dialoguem diretamente com as exigências do espaço escolar, recebendo apenas “uma espécie de boa vontade cultural vazia” (Bourdieu, 1998, p. 55).

Nesse sentido, os dados analisados sugerem que muitos alunos não conseguem estabelecer vínculos entre suas memórias familiares e os conteúdos de História, seja em função das condições socioculturais de suas famílias, seja pelas próprias propostas didáticas escolares, que frequentemente são pensadas a partir de referências culturais distantes da realidade desses estudantes. Tal constatação aponta para a necessidade de uma investigação mais aprofundada sobre a relação entre os saberes prévios dos alunos, suas experiências familiares e os conteúdos curriculares da disciplina, buscando construir práticas pedagógicas mais inclusivas e significativas.

Por fim, a dificuldade apresentada por parte dos estudantes em identificar essa relação reforça a importância da mediação pedagógica do professor. Nem sempre os alunos conseguem, de forma autônoma, estabelecer vínculos entre as memórias familiares e os conteúdos históricos, o que torna indispensável o desenvolvimento de práticas que valorizem essas experiências e as integrem ao processo de ensino. Assim, a escola assume um papel fundamental ao transformar vivências individuais e familiares em objetos de reflexão histórica, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico e para a construção de uma aprendizagem histórica mais significativa.

#### 6.2.6 Questão 6 - Participação familiar no aprendizado de história

As respostas à sexta questão indicam que os estudantes percebem a participação da família no aprendizado de História de forma majoritariamente limitada. A maior parte dos alunos (43,2%) afirma que esse acompanhamento ajuda “um pouco”, enquanto 40,3% consideram que ele não faz diferença. Apenas 16,4% dos respondentes avaliam que a participação familiar contribui de maneira significativa para a compreensão dos conteúdos da disciplina.

Esse resultado sugere que, para muitos estudantes, a presença da família não se traduz diretamente em apoio pedagógico consistente, mas ocorre de forma pontual ou indireta. A predominância das respostas intermediárias revela que o acompanhamento familiar, quando existente, não se manifesta necessariamente por meio de diálogos sobre os conteúdos históricos ou de apoio sistemático às atividades escolares, o que contribui para que seu impacto seja percebido como restrito.

Assim, a Questão 6 segue alinhada com as respostas vistas em toda a pesquisa, ressaltando a percepção de que a aprendizagem de História, para grande parte dos estudantes,

ocorre de maneira pouco articulada ao ambiente familiar, reforçando que existe um distanciamento entre o cotidiano doméstico e os conteúdos trabalhados em sala de aula aspecto que será aprofundado a partir da análise das próximas questões que integram o questionário.

#### 6.2.7 Questão 7 – Orientações familiares sobre fontes históricas e acesso à cultura

As respostas à sétima questão indicam que uma parcela significativa dos estudantes afirma receber, por parte da família, orientações relacionadas ao uso crítico das informações (43,3%) , um dado compreensível e bastante importante em tempos onde as *Fake News*<sup>8</sup> são um dos assuntos mais comentados na *internet*. A maioria dos alunos assinalou que os pais ou responsáveis os incentivam a não acreditar em tudo o que é encontrado em *sites*, redes sociais ou vídeos *online*, demonstrando uma preocupação com a veracidade das informações consumidas no cotidiano digital.

As demais alternativas apresentaram percentuais próximos entre si, o que revela uma distribuição relativamente equilibrada das respostas e sugere que não há uma única prática dominante no interior das famílias. Esse dado aponta que, mesmo quando não há um acompanhamento direto das atividades escolares, alguns responsáveis exercem um papel orientador no que diz respeito à formação crítica dos estudantes diante do excesso de informações disponíveis, ainda que de forma geral e não necessariamente articulada à disciplina de História.

Por outro lado, chama atenção o baixo percentual de estudantes que afirmaram receber incentivo familiar para frequentar museus, arquivos ou espaços de memória: apenas 23,9% dos respondentes indicaram esse tipo de estímulo. Esse dado retoma uma questão já discutida ao longo da pesquisa, relacionada ao acesso desigual aos bens culturais formais. Embora muitos alunos residem em uma região historicamente rica, como o entorno de São Cristóvão, o contato com museus e espaços culturais ainda não faz parte da rotina familiar da maioria dos estudantes, o que limita as possibilidades de ampliação do repertório histórico fora do ambiente escolar. Sendo importante aulas de visitas a espaços que embora sejam próximos e pertencentes a esses estudantes na prática é um ambiente pouco conhecido,

---

<sup>8</sup> Notícia falsa, em inglês. Informação falsa, imprecisa ou enganosa, frequentemente disseminada como se fosse verdadeira nas redes sociais, com objetivo de confundir e manipular pessoas.

justificando atividades como as propostas pela professora Cristina, citadas em capítulos anteriores.

Assim, a Questão 7 evidencia que o apoio familiar se manifesta de forma mais consistente no campo da orientação moral e crítica, especialmente no cuidado com as informações acessadas na *internet*, do que no incentivo ao contato direto com fontes históricas e espaços de memória. Esse resultado permite levantar diferentes hipóteses, relacionadas tanto ao contexto contemporâneo marcado pela disseminação de *fake news* e pela intensificação dos debates políticos nas redes sociais, quanto à preocupação dos responsáveis em proteger seus filhos no ambiente digital. No entanto, tais interpretações demandam a aplicação de um questionário mais aprofundado, capaz de investigar de maneira específica a relação entre pais e filhos no uso das redes sociais, no consumo de mídias digitais e na forma como essas práticas se articulam com o cotidiano escolar.

#### 6.2.8 Questão 8 – Formas pelas quais a família pode contribuir mais para o aprendizado em história

As respostas à Questão 8 revelam que os estudantes identificam diferentes maneiras pelas quais a família poderia contribuir mais para sua aprendizagem em História, com destaque para ações ligadas à orientação crítica e ao diálogo cotidiano. A alternativa mais assinalada foi “contando histórias da vida” (40,3%), o que evidencia que os alunos reconhecem o valor das narrativas familiares e das experiências vividas por seus pais e responsáveis. Esse dado permite interpretar que os estudantes compreendem que as vivências de seus familiares podem se relacionar, de alguma forma, com a disciplina de História, seja por meio da participação em momentos históricos significativos, seja pelas orientações e aprendizagens construídas a partir das experiências de vida transmitidas no convívio familiar.

Em seguida, uma parcela significativa dos estudantes apontou que a contribuição da família poderia ocorrer por meio da motivação diária para os estudos (29,8%). Respostas que somada a mais votada, deixa claro o que supõe-se desde de o início da pesquisa, que é claro que boa parte dos alunos sente a necessidade do incentivo e fortalecimento dos laços familiares, mesmo as questões anteriores apontando que não há um bom acompanhamento no geral. Esse incentivo e as histórias contadas para os estudantes, podem estar diretamente ligadas ao capital cultural que esses pais fornecem para seus filhos, pois através da vivencia essas famílias inegavelmente passam seus conhecimentos e eles estão diretamente ligados aos

conhecimentos históricos que esses estudantes levarão para sala de aula e auxiliarão no entendimento histórico.

Por outro lado, chama atenção o baixo percentual de respostas relacionadas a práticas mais diretamente associadas ao acompanhamento escolar, como “cobrar tarefas” (5,9%) ou “interpretar conteúdos e relacioná-los ao presente” (8,9%). Esses dados sugerem que muitos estudantes não associam o papel da família a uma atuação pedagógica mais próxima dos conteúdos curriculares, o que pode estar relacionado tanto às limitações de tempo quanto às condições socioculturais das famílias, já discutidas nas questões anteriores. Como também, pode está ligada às noções culturais em que a escola é vista como a única responsável pelas tarefas escolares.

Assim, a Questão 8 reforça a ideia de que, no contexto investigado, a participação familiar é percebida pelos estudantes de forma mais indireta, ligada ao incentivo, à orientação crítica e às experiências do cotidiano, do que à mediação direta do conhecimento histórico escolar. Esse resultado aponta para a importância da escola em reconhecer essas formas de participação e transformá-las em ponto de partida para práticas pedagógicas que aproximem a História da realidade vivida pelos alunos.

#### 6.2.9 Questão 9 – A importância de aprender História na percepção dos estudantes

As respostas à Questão 9 permitem compreender como os estudantes atribuem sentido à aprendizagem da disciplina de História em sua formação escolar. De modo geral, observa-se que a maioria (44,8%) dos alunos reconhece a História como um conhecimento relevante para além das exigências avaliativas, associando-a à compreensão do passado, à interpretação do presente e à formação da consciência crítica. Essas respostas indicam que, mesmo diante das dificuldades apontadas em questões anteriores, os estudantes conseguem perceber a função social da disciplina e sua relação com a vida em sociedade.

Por outro lado, chama atenção o fato de uma parcela significativa dos alunos associar a importância da História a objetivos estritamente escolares, como “passar de série” ou “ir bem em provas e vestibulares”, o que corresponde a 23,9% das respostas. Esse dado evidencia a permanência de uma visão instrumental do conhecimento histórico, ainda muito vinculada à lógica avaliativa da escola. Tal percepção dialoga com as dificuldades de engajamento discutidas anteriormente, nas quais a História é, por vezes, compreendida como

um conjunto de conteúdos a serem memorizados, e não como um saber que contribui para a leitura crítica da realidade.

Essa percepção utilitarista do conhecimento histórico, é um aspecto amplamente problematizado por Bittencourt (2008) ao longo desta pesquisa. Para ela, quando o ensino de História se limita à transmissão de conteúdos descontextualizados, os alunos tendem a compreender a disciplina apenas como um conjunto de informações a serem decoradas, sem estabelecer relações com sua realidade social e histórica. Desse modo, a aprendizagem histórica significativa ocorre quando o estudante consegue atribuir sentido aos conteúdos, relacionando-os com suas experiências, com os problemas do presente e com a construção da consciência histórica. Nesse sentido, os dados da Questão 9 indicam que, embora parte dos alunos reconheça esse potencial da disciplina, ainda persiste uma compreensão restrita da História como instrumento meramente escolar.

Assim, os resultados reforçam a necessidade de práticas pedagógicas que ampliem o significado do ensino de História para os estudantes, conectando os conteúdos escolares às suas vivências, às memórias familiares (tendo em vista as respostas da questão 8) e às problemáticas do tempo presente. Ao atribuir sentido social ao conhecimento histórico, a escola pode contribuir para que a disciplina deixe de ser vista apenas como uma exigência curricular e passe a ser compreendida como um instrumento fundamental para a formação cidadã e crítica dos alunos.

#### 6.2.10 Questão 10 – Estratégias que tornam as aulas de História mais interessantes para os estudantes

As respostas à Questão 10 revelam interesses diversos quanto às estratégias que podem tornar as aulas de História mais atrativas, especialmente no que se refere à participação da família no processo de ensino. Opções como atividades em família, debates e exibição de filmes com a presença dos pais, quando consideradas em conjunto, correspondem a mais de 60% das respostas, indicando que a maioria dos estudantes considera pertinente o envolvimento familiar no ensino de História. Outra parcela significativa (25,4%) destacou a importância do trabalho com temáticas locais, evidenciando que conteúdos relacionados à realidade próxima dos alunos despertam maior interesse e identificação. Esses dados apontam caminhos possíveis para a prática docente, sugerindo que, embora o envolvimento dos pais

seja um desafio diante das limitações de tempo e das condições sociais, integrar a família e valorizar a História local pode contribuir para tornar o ensino mais significativo.

Da mesma forma, os relatos dos estudantes sobre a visita ao *Museu de Arte Sacra de São Cristóvão*, ainda que esta pesquisa não tenha acompanhado diretamente essa atividade, reforçam a relevância das aulas realizadas fora do espaço escolar tradicional. Os estudantes avaliaram positivamente a experiência, destacando o contato com objetos históricos, obras de arte e o próprio espaço museal como elementos que favoreceram a compreensão dos conteúdos e ampliaram o interesse pela disciplina. O fato de muitos estudantes nunca terem visitado o museu, apesar de residirem na mesma cidade, evidencia o papel fundamental da escola como mediadora do acesso aos bens culturais. Esse tipo de atividade, inclusive, poderia ser potencializado com a participação das famílias, aproximando o núcleo familiar dos conhecimentos históricos locais e fortalecendo o vínculo entre escola, comunidade e aprendizagem.

Ao mesmo tempo, as respostas indicam que uma parcela dos estudantes ainda valoriza estratégias mais tradicionais, como a explicação do professor no quadro, o que revela a existência de diferentes perfis de aprendizagem no interior das turmas. Esse dado reforça a necessidade de práticas pedagógicas diversificadas, capazes de articular metodologias inovadoras com abordagens mais convencionais, sem desconsiderar as expectativas e necessidades dos alunos. Tal perspectiva exige do professor um esforço constante enquanto mediador do conhecimento, conciliando os referenciais teóricos e propostas pedagógicas dinâmicas, contextualizadas e conectadas à realidade local.

Essa perspectiva encontra respaldo na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que orienta o ensino de História a partir de uma abordagem integradora, contextualizada e articulada às experiências socioculturais dos estudantes. O documento enfatiza a importância de práticas pedagógicas que relacionem os conteúdos históricos à realidade local, ao cotidiano dos alunos e ao exercício da cidadania, valorizando o uso de diferentes linguagens, fontes e espaços educativos. Nesse sentido, as estratégias apontadas pelos estudantes, como aulas dinâmicas, atividades fora da sala de aula, visitas a museus e a aproximação entre escola e família, dialogam diretamente com as orientações da BNCC, reforçando a necessidade de um ensino de História significativo, crítico e socialmente comprometido.

Assim, a Questão 10 confirma que o interesse dos estudantes pelo ensino de História está diretamente relacionado à maneira como os conteúdos são trabalhados e contextualizados no cotidiano escolar. A valorização de estratégias que envolvam a família, o uso de espaços de memória e o trabalho com temáticas locais evidencia a importância de um ensino de História que dialogue com a experiência social dos alunos, promova aprendizagens significativas e fortaleça a relação entre escola, família e comunidade. Nesse sentido, essa perspectiva se aproxima das reflexões de Paulo Freire (1996), para quem o ato de ensinar não se limita à transmissão mecânica de conteúdos, mas constitui uma prática formadora e transformadora, na qual o educador contribui para que o estudante atribua sentido ao conhecimento. Como afirma o autor, “ensinar não é transferir conhecimento, conteúdos nem formar; é a ação pela qual o sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado” (Freire, 1996, p. 25).

## **7 CONCLUSÃO**

Ao longo desta pesquisa, buscou-se compreender de que maneira a participação da família influencia o processo de ensino e aprendizagem da disciplina de História no Colégio Estadual Mundial, articulando as percepções de professores e estudantes aos referenciais teóricos de autores como Circe Bittencourt, Pierre Bourdieu, Paulo Freire e às orientações da Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A investigação partiu da compreensão de que o ensino de História não se restringe à transmissão de conteúdos, mas envolve a formação crítica dos estudantes, a valorização de suas experiências socioculturais e o reconhecimento das condições concretas em que se dá o processo educativo.

Os dados analisados a partir dos questionários aplicados à professora e aos estudantes evidenciaram que a participação familiar ocorre, em grande parte, de forma limitada e indireta, marcada mais pelo incentivo moral e pela orientação cotidiana do que pelo acompanhamento sistemático dos conteúdos escolares. Tal realidade reflete condições sociais amplas, como longas jornadas de trabalho, instabilidade econômica e desigualdades no acesso ao capital cultural, conforme discutido por Bourdieu. Essas condições impactam diretamente a relação das famílias com a escola e, conseqüentemente, o desempenho e o interesse dos estudantes pela disciplina de História.

Ao mesmo tempo, a pesquisa revelou que os estudantes reconhecem o valor das experiências familiares, das memórias de vida e das narrativas cotidianas como elementos que podem contribuir para a compreensão dos conteúdos históricos. Contudo, essas

experiências nem sempre são mobilizadas ou reconhecidas como parte do processo de aprendizagem escolar, o que reforça a necessidade de uma mediação pedagógica consciente por parte do professor. Nesse sentido, as reflexões de Bittencourt mostram-se centrais ao destacar a importância de um ensino de História que dialogue com os conhecimentos prévios dos alunos, valorize múltiplas linguagens e utilize fontes históricas diversificadas.

As análises também demonstraram que estratégias pedagógicas dinâmicas, como aulas no laboratório de informática, uso de tecnologias educacionais, visitas a museus e o trabalho com temáticas locais, despertam maior interesse e engajamento dos estudantes. Essas práticas, observadas tanto no estágio supervisionado quanto relatadas pelos alunos, contribuem para romper com a ideia da História como mera “decoreba” e aproximam o conteúdo da realidade vivida pelos discentes. Tais estratégias dialogam diretamente com as orientações da BNCC, que defende um ensino integrador, contextualizado e comprometido com a formação cidadã.

Dessa forma, conclui-se que fortalecer a relação entre família, escola e ensino de História é um desafio que exige ações articuladas, sensibilidade ao contexto sociocultural dos estudantes e práticas pedagógicas que reconheçam as desigualdades existentes sem naturalizá-las. A escola assume, nesse cenário, um papel fundamental como mediadora do acesso ao conhecimento histórico e aos bens culturais, ao mesmo tempo em que precisa buscar caminhos para aproximar as famílias do processo educativo. Se atentando a um ensino que haja um encontro entre o capital cultural herdado pelos estudantes com as metodologias de ensino, abrindo mão de um ensino permeado por um viés elitista distante da classe cultural a qual o ambiente escolar desta pesquisa se encontra.

Por fim, esta pesquisa não pretende esgotar o tema abordado, uma vez que reconhece que as observações levantadas não contemplam a totalidade das realidades estudantis. Ainda assim, os dados e reflexões apresentados contribuem de forma significativa para o debate sobre o ensino de História em contextos escolares marcados por desigualdades sociais, aliando-o com a integração familiar. O estudo busca servir como base para futuras pesquisas e projetos que se proponham a dialogar com escolas públicas locais, valorizando suas especificidades e devolvendo à comunidade escolar reflexões produzidas no âmbito universitário, que, por vezes, se mantém distante da realidade vivenciada em territórios de baixa renda.

Espera-se que as análises aqui desenvolvidas incentivem novas investigações e práticas pedagógicas que valorizem as experiências dos estudantes, promovam aprendizagens significativas e reafirmem o ensino de História como um instrumento fundamental para a

compreensão crítica da realidade e para a formação de sujeitos históricos conscientes. Além disso, almeja-se que este trabalho contribua para fortalecer o papel do núcleo familiar no processo educativo, reconhecendo as limitações impostas pelas condições sociais e de tempo, mas ressaltando sua função orientadora e formativa, em parceria com a escola, na trajetória escolar e cidadã dos jovens estudantes.

## 8 REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.  
BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 32, n. 93, p. 127–150, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/WYqvqrhmpwbWpGVY47wWtp/>. Acesso em: 2 nov. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Básica**. Brasília: MEC, 2018.

CARDOSO FILHO, Ciro Flamarion. O uso da informação quantitativa em História: tópicos para discussão. **Revista de História**, São Paulo, n. 159, p. 13–34, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GABRIEL, Carmen Teresa; MARTINS, Marcos Leonardo Bomfim; ANDRADE, Juliana Alves de (orgs.). **Aprendizagem e avaliação da História na escola: questões epistemológicas**. Rio de Janeiro: Mauad X/Faperj, 2023.

GOVERNO DE SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação inicia período de matrículas on-line para o ano letivo de 2026. Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 5 jan. 2026.

Disponível em:

[https://www.se.gov.br/agencia/noticias/educacao-cultura/secretaria\\_de\\_estado\\_da\\_educacao\\_inicia\\_periodo\\_de\\_matriculas\\_on\\_line\\_para\\_o\\_ano\\_letivo\\_de\\_2026](https://www.se.gov.br/agencia/noticias/educacao-cultura/secretaria_de_estado_da_educacao_inicia_periodo_de_matriculas_on_line_para_o_ano_letivo_de_2026). Acesso em: 12 fev. 2026.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb>. Acesso em: 24 nov. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CRISTÓVÃO. VivaCidade: o Museu de Arte Sacra como espaço de representação da fé sancristovense. São Cristóvão, 22 mar. 2022. Disponível em: <https://www.saocristovao.se.gov.br/noticia/vivacidade-o-museu-de-arte-sacra-como-espaco-de-representacao-da-fe-sancristovense>. Acesso em: 7 dez. 2025.

QEDU. Censo Escolar – Município de São Cristóvão (SE). Disponível em:

<https://qedu.org.br/municipio/2806701-sao-cristovao/censo-escolar>. Acesso em: 12 fev. 2026.

ROCHA, Helenice. **O lugar da linguagem no ensino de História: entre a oralidade e a escrita**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE SERGIPE (SEDUC). Colégio Estadual Prof.<sup>a</sup> ~~Glorita Portugal~~ – DRE-08 São Cristóvão. Disponível em: <https://educ.se.gov.br/dre08-sao-cristovao-colegio-estadual-prof-glorita-portugal/>. Acesso em: 25 nov. 2025.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE SERGIPE (SEDUC). Fluxo escolar: Programa Sergipe na Idade Certa aumenta número de alunos atendidos em 124%. Aracaju, 27 abr. 2021. Disponível em: [https://educ.se.gov.br/fluxo-escolar-programa-sergipe-na-idade-certa-aumenta-numero-de-alunos-atendidos-em-124\\_](https://educ.se.gov.br/fluxo-escolar-programa-sergipe-na-idade-certa-aumenta-numero-de-alunos-atendidos-em-124_). Acesso em: 8 dez. 2025.

SENADO FEDERAL. Fake News. In: *Manual de Comunicação da Secom*. Brasília, s.d. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/glossario/fake-news>. Acesso em: 26 jan. 2026.

ZALUSKI, Jorge Luiz. **Mulheres e a educação**: a formação para donas de casa em uma escola moderna (Guarapuava 1971-1983). 2016. 197 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação – Mestrado em História, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati-PR, 2016. Disponível em: <http://tede.unicentro.br:8080/jspui/handle/jspui/983>. Acesso em: 04 fev. 2026.

ZALUSKI, Jorge Luiz. Subjetividades de um ensino: marcações de gênero na educação escolar (1970-1980). **Revista Educação em Questão**, v. 58, n. 57, jul. 2020. DOI: 10.21680/1981-1802.2020v58n57id20985. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/pdf/eq/v58n57/es\\_1981-1802-eq-58-57-e20985.pdf](http://educa.fcc.org.br/pdf/eq/v58n57/es_1981-1802-eq-58-57-e20985.pdf). Acesso em: 04 fev. 2026.

ZALUSKI, Jorge Luiz. Entre a infância e a vida adulta: as fases da vida nas legislações educacionais em contexto de ditadura militar. **Confluenza**. Rivista di Studi Iberoamericani, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 53-78, jan. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.6092/issn.2036-0967/13411>. Acesso em: 04 fev. 2026.

BRASIL. SENADO FEDERAL. Proposta de Emenda à Constituição (PEC) n. [NÚMERO], de [ANO]. Brasília, DF: Senado Federal, [DATA DE DISPONIBILIZAÇÃO]. Disponível em: [LINK DE ACESSO]. Acesso em: 9 mar. 2026

MOURA FILHO, Heitor Pinto de. O uso da informação quantitativa em História: tópicos para discussão. *Locus*: **Revista de História**, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 41-90, 2008.

**APÊNDICE A – Questionário aplicado em sala de aula**

Aluno (a): \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_

Etnia: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Idade: ( ) 14 ( ) 15 ( ) 16 ( ) 17 ( ) mais de 17

1) Com quem você mora?

- Pai e mãe
- Apenas mãe
- Apenas pai
- Avós
- Outros especificar

\_\_\_\_\_

2. Sua família costuma perguntar ou se interessar pelo seu desempenho escolar?

- Sempre
- Com alguma frequência
- Às vezes
- Raramente
- Nunca

3. Em relação à disciplina de História, sua família:

- Mostra interesse e conversa sobre o assunto
- Só acompanha quando é necessário (provas, trabalhos)
- Não demonstra interesse
- Debate os conteúdos da disciplina mostrando outras visões sobre o assunto
- Só acompanha conteúdo das disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática

4. Seus familiares já compartilharam histórias de vida, memórias e acontecimentos do passado que ajudaram você a entender conteúdos de História?

- Sim, várias vezes
- Algumas vezes
- Raramente
- Nunca

5. Quais histórias de vida da sua família, ou memórias do passado que ajudaram na compreensão dos conteúdos de História?

- Participação em guerras
- Eventos da ditadura militar
- Manifestações e eventos políticos
- Viagens para outros lugares
- Nenhuma das alternativas, nenhuma história ajudou.
- Nenhuma, nunca ouvi histórias
- Outras \_\_\_\_\_

6. Você considera que a participação da sua família ajuda no seu aprendizado em História?

- Sim, ajuda muito
- Ajuda um pouco
- Não faz diferença
- Dificulta

7. Sua família já te incentivou a:

- Ler livros de História
- Assistir filmes/documentários históricos
- Visitar museus, exposições ou lugares históricos
- Conversar sobre fatos históricos atuais (ex.: eleições, guerras, política)
- A não acreditar em tudo que se ler ou ver em redes sociais
- Nenhuma das alternativas

8) De que forma você acha que sua família poderia contribuir mais para o seu aprendizado de História?

- Contando histórias da vida
- Cobrando o cumprimento das tarefas do livro didático
- Interpretando os conteúdos da disciplina e contextualizando com o presente
- Na motivação diária para ter um bom rendimento escolar
- Questionando os conteúdos de História de acordo com a vivência familiar

9. Para você, aprender História é importante para a vida? Por quê?

- Para passar de série e ter boas notas em vestibulares
- Para ter boa carreira profissional
- Não acho importante aprender História
- Para aprender mais sobre a cultura e a sociedade em geral
- Porque Através da História podemos compreender melhor as coisas
- Para entender os fatores culturais e históricos que moldam a nossa sociedade.
- Para sermos conscientes da nossa origem

10) Se pudesse dar uma gestão, que tipo de atividade envolvendo família e escola você acha que ajudaria os alunos a aprender melhor História?

- Reuniões para comparecimento dos pais
- Assuntos com temáticas locais para um melhor compreensão da família e do aluno
- Nenhuma, sua família já ajuda com as atividades escolares de História.
- Atividades em família, organizadas pela escola como idas a museus e teatros
- Debates, filmes e peças com a presença dos pais na escola.

## APÊNDICE B – Questionário para a professora

1

### Questionário para o professor <sup>a</sup>

Dados do Professor:

Nome: Christiane Silva dos Santos

Sexo: Feminino

Etnia: Parda

1. Tempo de atuação como professor(a) de História:
  - Menos de 5 anos
  - Entre 5 e 10 anos
  - Mais de 10 anos
2. Formação acadêmica: licenciatura em História
3. Na sua experiência, os pais ou responsáveis acompanham a vida escolar dos alunos?
  - Sempre
  - Às vezes
  - Raramente
  - Nunca
4. De modo geral, a participação da família contribui para o desempenho dos alunos em História?
  - Contribui muito
  - Contribui pouco
  - Não faz diferença
  - Dificulta
5. Você percebe diferença no rendimento ou no interesse entre alunos que recebem apoio familiar e aqueles que não recebem?
  - Sim, muita diferença
  - Alguma diferença
  - Pouca diferença
  - Nenhuma diferença
6. Quais são as principais dificuldades que você encontra em sala de aula para despertar o interesse dos alunos pela História?
 

As principais são os alunos acreditarem que a história é decoreba, como também algo distante de suas vidas.
7. Em sua opinião, como a família poderia contribuir mais para o aprendizado dos alunos em História? E quais estratégias você acredita que poderiam aproximá-la da escola no processo de ensino de História?

Penso que antes de tudo os pais precisam entender o conceito de história e este talvez não tenha sido compreendido em sua vida escolar. Uma boa estratégia seria sempre convidar a família para participar dos projetos da disciplina história no colégio; porém isso envolve tempo e disposição dos pais.

2

8. Você já utilizou atividades que envolvessem a participação da família (entrevistas, relatos, histórias de vida, visitas conjuntas etc.)?

- Sim, frequentemente  
 Sim, algumas vezes  
 Não, mas gostaria de aplicar  
 Nunca utilizei

9. Considera que os conteúdos do livro didático, por si só, são suficientes para engajar os alunos em História? Por quê?

Não. Os livros didáticos geralmente possuem  
muitas lacunas. Cabe nesse caso o profes-  
sor preenchê-las.

10. Você costuma fazer aulas diferentes? Fora do ambiente escolar ou da sala de aula tradicional? Qual o nível de interesse dos alunos por essas aulas?

Sim. Geralmente levo os alunos para co-  
nhecer museus tanto em Aracaju, como  
também em São Cristóvão. Os alunos  
são bastante receptivos, pois é algo di-  
ferente para eles.

## APÊNDICE C - Resultados do Questionário aplicado aos Estudantes

### Q1 – Com quem você mora?

- Pai e mãe | 30.0 | 44.7%
- Apenas mãe | 13.0 | 19.4%
- Apenas pai | 2.0 | 2.9%
- Avós | 6.0 | 8.9%
- Outros | 16.0 | 23.8%

### Q2 – Interesse da família no desempenho escolar

- Sempre | 20.0 | 29.8%
- Com alguma frequência | 12.0 | 17.9%
- Às vezes | 25.0 | 37.3%
- Raramente | 8.0 | 11.9%
- Nunca | 2.0 | 2.9%

### Q3 – Interesse familiar por História

- Mostra interesse e conversa sobre o assunto | 9.0 | 13.4%
- Só acompanha quando necessário (provas e trabalhos) | 32.0 | 47.7%
- Não demonstra interesse | 20.0 | 29. %
- Debate os conteúdos com outras visões sobre os assuntos| 2.0 | 2.9%
- Só acompanha Português e Matemática | 4.0 | 5.9%

### Q4 – Compartilharam histórias de vida

- Sim, várias vezes | 20.0 | 29.8%
- Algumas vezes | 24.0 | 35.8%
- Raramente | 10.0 | 14.9%
- Nunca | 13.0 | 19.4%

### Q5 – Histórias que ajudaram

- Participação em guerras | 3.0 | 4.4%
- Eventos da ditadura militar | 3.0 | 4.4%
- Manifestações políticas | 5.0 | 7.4%
- Viagens | 18.0 | 26.8%
- Nenhuma ajudou | 21.0 | 31.3%
- Nunca ouvi histórias | 9.0 | 13.4%
- Outras | 8.0 | 11.9%

### Q6 – Participação familiar no aprendizado

- Ajuda muito | 11.0 | 16.4%
- Ajuda um pouco | 29.0 | 43.2%
- Não faz diferença | 27.0 | 40.2%
- Dificulta | 0.0 | 0.0

#### **Q7 – Incentivos familiares**

- Ler livros de História | 16.0 | 23.8%
- Assistir filmes/documentários | 18.0 | 26.8%
- Visitar museus/exposições | 16.0 | 23.8%
- Conversar sobre fatos históricos atuais | 11.0 | 16.4%
- A não acreditar em tudo das redes sociais | 29.0 | 43.2%
- Nenhuma das alternativas | 6.0 | 8.9%

#### **Q8 – Como pode contribuir mais**

- Contando histórias | 27.0 | 40.2%
- Cobrando tarefas | 4.0 | 5.9%
- Interpretando conteúdos e relacionando ao presente | 6.0 | 8.9%
- Motivação diária | 20.0 | 29.8%
- Questionando conteúdos pela vivência familiar | 9.0 | 13.4%

#### **Q9 – Importância de aprender História**

- Passar de série/vestibular | 16.0 | 23.8%
- Boa carreira | 8.0 | 11.9%
- Não acho importante | 0.0 | 0.0
- Compreender melhor as coisas | 17.0 | 25.3%
- Entender fatores culturais e históricos | 30.0 | 44.7%
- Ser consciente da origem | 7.0 | 10.4%
- Aprender sobre a sociedade | 14.0 | 20.8%

#### **Q10 – Sugestões de atividades**

- Reuniões de pais | 4.0 | 5.9%
- Temas locais | 17.0 | 25.3%
- Nenhuma | 3.0 | 4.4%
- Atividades em família | 20.0 | 29.8%
- Debates, filmes e peças com pais | 21.0 | 31.3%

**ANEXO A - Termo de consentimento livre e esclarecido - TCLE****FAMÍLIA, ENSINO E APRENDIZAGENS DE HISTÓRIA: REFLEXÕES SOBRE ASPECTOS DO COTIDIANO ESCOLAR E OS DESAFIOS DOCENTE**

**Pesquisador Responsável:** Levy Silva Santos

**Local onde será realizada a pesquisa:** Colégio Estadual ~~Prof.<sup>a</sup> Glorita Portugal~~

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) desta pesquisa porque é importante entender como está o ensino de História e a participação dos pais na vida escolar dos alunos do Colégio Prof.<sup>a</sup> Estadual Gloria Portugal, ajudando a levar a visão do aluno e do Professor do ensino básico para o universo acadêmico, com a proposta de melhorar o ensino e engajar novas pesquisas na área. Sua contribuição é muito importante, mas não deve participar contra a sua vontade.

Esta pesquisa será realizada porque é fundamental trazer a experiência diária de sala de aula para o meio acadêmico de pesquisa, na busca de melhorar a formação de novos docentes de História

**Os objetivos dessa pesquisa são:**

- Analisar de que forma a participação do núcleo familiar influencia o aprendizado de História entre jovens do ensino médio no Colégio Estadual ~~Prof.<sup>a</sup> Glorita Portugal~~, em São Cristóvão – SE).
- Identificar como os alunos percebem a disciplina de História e a sua relevância.
- Analisar de que modo a família acompanha e incentiva os estudos em História.
- Investigar práticas familiares que estimulam a consciência histórica dos jovens.
- Comparar a percepção de alunos e professor sobre o impacto da participação familiar no aprendizado.

Os participantes da pesquisa são os alunos de todos os 1º anos da Escola Estadual ~~Prof. Glorita Portugal~~, alunos da professora Cristiane Silva dos Santos.

Antes de decidir, é importante que entenda todos os procedimentos, os possíveis benefícios, riscos e desconfortos envolvidos nesta pesquisa.

A qualquer momento, antes, durante e depois da pesquisa, você poderá solicitar mais esclarecimentos, recusar-se ou desistir de participar sem ser prejudicado, penalizado ou responsabilizado de nenhuma forma. Caso você já esteja em tratamento e não queira participar, você não será penalizado por isso.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Levy Silva Santos, no telefone celular: 79 9 8817-1603 e e-mail: levyssantos01@gmail.com

Para maiores informações sobre os direitos dos participantes de pesquisa, leia a Cartilha dos Direitos dos Participantes de Pesquisa elaborada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), que está disponível no site: [http://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/img/boletins/Cartilha\\_Direitos\\_Participantes\\_de\\_Pesquisa\\_2020.pdf](http://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/img/boletins/Cartilha_Direitos_Participantes_de_Pesquisa_2020.pdf)

Caso você concorde e aceite participar desta pesquisa, deverá rubricar todas as páginas deste termo e assinar a última página, nas duas vias. Eu, o pesquisador responsável, farei a mesma coisa, ou seja, rubricará todas as páginas e assinarei a última página. Uma das vias ficará com você para consultar sempre que necessário.

#### **O QUE VOCÊ PRECISA SABER:**

**DE QUE FORMA VOCÊ VAI PARTICIPAR DESTA PESQUISA:** Você irá responder um questionário com 10 perguntas objetivas com o intuito de saber a sua percepção sobre a participação dos pais no ensino e aprendizagem de História. Suas respostas servirão como fonte para um trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em História

**RISCOS EM PARTICIPAR DA PESQUISA:** Exposição das respostas do questionário que poderá ser visto por várias pessoas que tiverem acesso a pesquisa.

**BENEFÍCIOS EM PARTICIPAR DA PESQUISA:** Ajuda na criação de ideias que melhorem a integração dos pais ou do núcleo familiar com a escola e o ensino de História.

**PRIVACIDADE E CONFIDENCIALIDADE:** Os nomes e endereço dos participantes não serão divulgados na pesquisa.

**ACESSO A RESULTADOS DA PESQUISA:** Após a conclusão, todos os participantes que optarem terão acesso ao resultado da pesquisa.

**CUSTOS ENVOLVIDOS PELA PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA:** Você não terá custos para participar desta pesquisa.

**DANOS E INDENIZAÇÕES:** Se lhe ocorrer qualquer problema ou dano pessoal durante a pesquisa, lhe será garantido o direito à assistência médica imediata, integral e gratuita, às custas do pesquisador responsável, com possibilidade de indenização caso o dano for decorrente da pesquisa (através de vias judiciais Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954).

### **Consentimento do participante**

Eu, abaixo assinado, declaro que concordo em participar desse estudo como voluntário(a). Fui informado(a) e esclarecido(a) sobre o objetivo desta pesquisa, li, ou foram lidos para mim, os procedimentos envolvidos, os possíveis riscos e benefícios da minha participação e esclareci todas as minhas dúvidas.

Sei que posso me recusar a participar e retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto me cause qualquer prejuízo, penalidade ou responsabilidade. Autorizo o uso dos meus dados de pesquisa sem que a minha identidade seja divulgada.

Recebi uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e a última assinada por mim e pelo Pesquisador Responsável.

Nome do(a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_ Local /data: \_\_\_\_\_

### **Declaração do pesquisador**

Declaro que obtive de forma apropriada, esclarecida e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante para a participação neste estudo. Entreguei uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e a última assinada por mim ao participante e declaro que me comprometo a cumprir todos os termos aqui descritos.

Nome do Pesquisador Responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_ Local/data: \_\_\_\_\_

Rubrica do Pesquisador Principal	Rubrica do(a) Participante
----------------------------------	----------------------------